



**CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO DEPUTADO PAULO TADEU**

LIDO
Em 19 / 02 / 2009

Tmech
Assessoria de Plenário

Ao Protocolo Legislativo para registro e, em seguida, à Presidência, ouvida a Mesa, para deliberar à vista do parecer de relator designado.

Em 26.02.09

Assessoria de Plenário e Distribuição

Itamar Pinheiro Lima
Chefe da Assessoria
Matr.: 10694/34

RQ 1394/2009

**REQUERIMENTO Nº
(Do Deputado PAULO TADEU)**

Solicita a publicação no *Diário da Câmara Legislativa* do Guia da Nova Ortografia elaborado pelo seu Gabinete Parlamentar.

Senhor Presidente da Câmara Legislativa,

Com o amparo do art. 145 do Regimento Interno da Câmara Legislativa do Distrito Federal, requero a publicação, no *Diário da Câmara Legislativa*, do Guia da Nova Ortografia, elaborado pelo meu Gabinete Parlamentar, e anexo ao presente Requerimento.

JUSTIFICAÇÃO

Com o Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, o Presidente da República fixou a vigência no Brasil do Acordo Ortográfico de 1990 a partir de 1º de janeiro deste ano.

Trata-se de um instrumento de valorização dos povos de língua portuguesa, que certamente contribuirá para sua maior integração no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Como Parlamentar, entendo que todos nós temos de contribuir para a divulgação do referido Acordo para que todos possam assimilar as novas regras o mais breve possível. E, pensando assim, minha assessoria, que conta com especialista em ortografia portuguesa, elaborou o Guia anexo para ser disponibilizado gratuitamente aos interessados.

Por essas razões, espero contar com o apoio dos ilustres Pares para sua aprovação.

Sala das Sessões, 18 de fevereiro de 2009.

Deputado PAULO TADEU
Partido dos Trabalhadores

PROTOCOLO LEGISLATIVO
RQ Nº 1394 / 2009
Fis. Nº 01 BIA

ASSESSORIA DE PLENÁRIO
Recebi em 19 / 02 / 09 às 10h
<i>Christina BSK</i> 16.815
Assinatura Matrícula

GUIA DA NOVA ORTOGRAFIA (2009) (Prof. José Willemann)

APRESENTAÇÃO

Depois de 18 anos, entra em vigor no Brasil o *Acordo Ortográfico* assinado em Lisboa no dia 16 de dezembro de 1990 pelos representantes dos Governos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

O *Acordo Ortográfico* de 1990 representa um esforço conjunto dos sete países lusófonos (Timor Leste foi admitido depois) para tentar uniformizar a ortografia da língua portuguesa e, assim, contribuir para a valorização e integração de seus povos na comunidade internacional.

Segundo Antônio Houaiss (1915-1999), principal negociador pelo Brasil, o "novo Acordo privilegia o critério fonético em detrimento do etimológico, ou seja, é o critério da pronúncia que justifica a existência de grafias duplas e a supressão das consoantes 'mudas' ou não articuladas." (*A Nova Ortografia da Língua Portuguesa*, 1991, p. 15).

E a prevalência do critério fonético sobre o etimológico está nas raízes históricas da simplificação ortográfica iniciada em Portugal em 1911 e no Brasil em 1931. Antes disso, prevalecia a ortografia etimológica, erudita, clássica, quase inacessível à população comum. Com a simplificação – e o *Acordo Ortográfico* de 1990 é mais um passo importante nessa direção –, a ortografia fonética, mais próxima da fala do povo, vem ajudando a encurtar os caminhos de acesso à educação e à cultura. É o popular que vai ocupando o lugar do clássico e do erudito.

Por isso, por ter um mandato popular, há muito divulgo textos das normas gramaticais oficiais da língua portuguesa no meu *site* parlamentar (www.paulotadeu.com.br). O *Acordo Ortográfico* de 1990 sempre esteve entre eles.

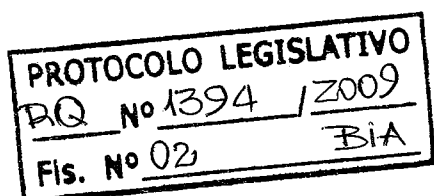
Agora, tenho a oportunidade de apresentá-lo na forma de guia, organizado por José Willemann, experiente professor de língua portuguesa no ensino superior há mais de 20 anos.

Na primeira parte deste guia, estão algumas informações sobre as principais alterações na ortografia da língua portuguesa. Na segunda parte, está reproduzido o texto do *Acordo*, com importantes observações em notas de rodapé, fundamentadas em ampla bibliografia gramatical, filológica e lexicológica dos estudiosos do português.

Há, por certo, algumas controvérsias sobre a nova ortografia e sua implementação, mas isso não diminui sua importância. Por isso, com esse pequeno guia, espero contribuir para o sucesso da nova ortografia em nosso País e nos demais países lusófonos.

Brasília, 1.º de janeiro de 2009.

Deputado PAULO TADEU



1.ª parte
PRINCIPAIS ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS

ALFABETO (Base I)

Com a inclusão de *k*, *w* e *y*, o alfabeto da língua portuguesa passa a ter, oficialmente, 26 letras. As condições para o seu uso, no entanto, são praticamente as mesmas do *Formulário Ortográfico* de 1943, vigente até final de 2008:

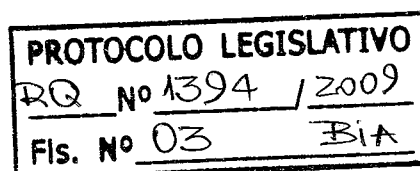
- a) siglas, símbolos e unidades de medidas: *K* = *potássio*, *kg* = *quilograma*, *kw* = *quilowatt*; *W* = *oeste*, *ws* = *watt-segundo*; *Y* = *ítrio*, *yd* = *jarda*;
- b) nomes próprios estrangeiros e seus derivados: *Kardec*, *kardecismo*, *Kuwait*, *kuwaitiano*, *neolamarckista*; *Darwin*, *darwinismo*, *Westfália*, *westfaliano*; *Byron*, *byrônico*, *Yeats*, *yeatsiniano*, *Myanmar*, *myanmense*.

Apesar das restrições de uso, o *Acordo* de 1990, diversamente dos anteriores, não traz uma regra de aportuguesamento dos vocábulos estrangeiros usados no português. De qualquer forma, os grafados com *k*, *w* e *y* aportuguesam-se, tradicionalmente, como segue:

- *k* > *qu* antes de *e* ou *i*; *c* noutros casos: *kaki* > *caqui*, *jockey* > *jóquei*;
- *w* > *u* ou *v*, conforme a origem: *sweater* > *suéter*; *talweg* > *talvegue*;
- *y* > *i*: *syllaba* > *sílaba*, *yatch* > *iate*.

De qualquer sorte, o aportuguesamento de vocábulo estrangeiro é algo feito sem pressa, com tempo para que os falantes se familiarizem com ele. Num primeiro momento, usa-se a grafia estrangeira; depois, coexistem duas grafias: a forma aportuguesada e a etimológica; por último, fixa-se a forma portuguesa. Serve de exemplo a palavra *futebol*, que hoje parece portuguesa, mas, no início do século XX, era escrita à inglesa: *football*.

Adiante, segue uma lista de vocábulos estrangeiros de uso corrente, que possuem *k*, *w* ou *y* na origem. Uns já se aportuguesaram; outros são escritos conforme a origem.



VOCÁBULOS JÁ APORTUGUESADOS

<i>basquetebol</i>	<*	<i>basketball</i>	<i>pênalti</i>	<	<i>penalty</i>
<i>blecaute</i>	<	<i>blackout</i>	<i>picape</i>	<	<i>pick-up</i>
<i>carte</i>	<	<i>kart</i>	<i>picles</i>	<	<i>pickles</i>
<i>cheque</i>	<	<i>check</i>	<i>pônei</i>	<	<i>poney</i>
<i>destróier</i>	<	<i>destroyer</i>	<i>pôquer</i>	<	<i>poker</i>
<i>esqueite</i>	<	<i>skateboard</i>	<i>quepe</i>	<	<i>kepi</i>
<i>estoque</i>	<	<i>stock</i>	<i>querosene</i>	<	<i>kerosene</i>
<i>faroeste</i>	<	<i>far west</i>	<i>quiosque</i>	<	<i>kiosque</i>
<i>folclore</i>	<	<i>folklore</i>	<i>quitinete</i>	<	<i>kitchenet</i>
<i>fraque</i>	<	<i>frock</i>	<i>rali</i>	<	<i>rallye</i>
<i>gincana</i>	<	<i>gymkhana</i>	<i>roque</i>	<	<i>rock</i>
<i>ianque</i>	<	<i>yankee</i>	<i>sanduíche</i>	<	<i>sandwich</i>
<i>ioiô</i>	<	<i>yoyo</i>	<i>sinuca</i>	<	<i>snooker</i>
<i>jóquei</i>	<	<i>jockey</i>	<i>soçaite</i>	<	<i>society</i>
<i>laicra</i>	<	<i>lycra</i>	<i>tanque</i>	<	<i>tank</i>
<i>leiaute</i>	<	<i>layout</i>	<i>truque</i>	<	<i>truck</i>
<i>náilon</i>	<	<i>nylon</i>	<i>uísque</i>	<	<i>whisky</i>
<i>nocaute</i>	<	<i>knock out</i>	<i>vagão</i>	<	<i>wagon</i>
<i>panqueca</i>	<	<i>pancake</i>	<i>voleibol</i>	<	<i>volley-ball</i>

* < indica que a forma anterior provém da posterior.

VOCÁBULOS NÃO-APORTUGUESADOS

<i>baby</i>	<i>lady</i>	<i>office-boy</i>	<i>smoking</i>
<i>check-in</i>	<i>link</i>	<i>paddock</i>	<i>spray</i>
<i>download</i>	<i>lobby</i>	<i>playboy</i>	<i>software</i>
<i>ecstasy</i>	<i>long-play</i>	<i>playground</i>	<i>telemarketing</i>
<i>ghost-writer</i>	<i>marketing</i>	<i>punk</i>	<i>warrant</i>
<i>hacker</i>	<i>marshmallow</i>	<i>ray-ban</i>	<i>web</i>
<i>hardware</i>	<i>megawatt</i>	<i>replay</i>	<i>western</i>
<i>hobby</i>	<i>milk-shake</i>	<i>royalty</i>	<i>winchester</i>
<i>jet ski</i>	<i>nobreak</i>	<i>sexy</i>	<i>windsurf</i>
<i>ketchup</i>	<i>notebook</i>	<i>show</i>	<i>workshop</i>

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (Bases VIII a XIII)

Regras que Permanecem

A maioria das regras de acentuação gráfica continuam as mesmas de antes. Assim, acentuam-se:

- a) todas as proparoxítonas: *câmara, lúdico, período, trêmulo, viríamos;*
- b) as paroxítonas terminadas em *-ã(s), -ão(s), -í(s), -l, -n, -ons, -ps, -r, -x, -um(ns), -us* ou ditongo: *ímã, órgãos, íris, móvel, hífen, íons, bíceps, mártir, ônix, álbum, ânus, jóquei, amáveis, água;*
- c) as oxítonas terminadas em *-a(s), -e(s), -o(s)* ou *-em(ns)*: *cará, café, português, cipó, compôs, refém, parabéns; amá-lo, perdê-la, trá-la-á, repô-la-ia;*
- d) os monossílabos tônicos terminados em *-a(s), -e(s), -o(s)*: *dá, pás, fé, pés, dê, vês, dó, nós, rô, pôs; dá-lo, vê-la-á, pô-la-ia;*
- e) as letras *i* ou *u* tônicas, pós-vocálicas, quando sozinhas ou seguidas de *s* na mesma sílaba: *caí, caís, caímos, caístes; tuiuíú, baús, saúde, balaústre*. Não há, porém, acento quando seguidas de *nh*: *moinho, picuinha, rainha;*
- f) o verbo *pôr* e as formas verbais *pôde, têm* e *vêm*, com acentos diferenciais.

Regras Novas

As inovações no uso dos acentos gráficos trazidas pelo *Acordo Ortográfico* de 1990 são as seguintes:

Perdem o acento gráfico os vocábulos paroxítonos com os ditongos abertos *éi* ou *ói* (Base IX, 3.º):

<i>alcatéia</i> >* <i>alcateia</i>	<i>apóio</i> > <i>apoio</i>
<i>geléia</i> > <i>geleia</i>	<i>combóiem</i> > <i>comboiem</i>
<i>idéia</i> > <i>ideia</i>	<i>Tróia</i> > <i>Troia</i>
<i>apnéico</i> > <i>apneico</i>	<i>heróico</i> > <i>heroico</i>
<i>epopéico</i> > <i>epopeico</i>	<i>cefalóide</i> > <i>cefaloide</i>
<i>orféico</i> > <i>orfeico</i>	<i>intróito</i> > <i>introito</i>
<i>seborréico</i> > <i>seborreico</i>	<i>tireóide</i> > <i>tireoide</i>

* > indica mudança da forma anterior para a forma posterior.

Pesquisa no *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa* revela que há cerca de 1.038 vocábulos que deixam de ser acentuados por conta dessa nova regra. Há também 18 nomes de Municípios na mesma situação.

Nas palavras oxítonas, o acento gráfico permanece: *anéis, corcéis, papéis; anzóis, constrói, destróis, herói, róis*.

Nas paroxítonas terminadas em ditongo (proparoxítonas para o *Acordo Ortográfico*), também fica o acento gráfico: *esferóideo, esternocleidomastóideo, hialóideo, tiróideo, xifóideo* (cf. Base XI, 1.º, b). O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* registra 70 vocábulos terminados em ditongo com *ói* na penúltima sílaba.

Perdem o acento gráfico os vocábulos terminados em *-oo* ou *-eem* (Bases IX, 7.º e 8.º):

<i>crêem</i> > <i>creem</i>	<i>côo</i> > <i>coo</i>
<i>dêem</i> > <i>deem</i>	<i>enjôo</i> > <i>enjoo</i>
<i>lêem</i> > <i>leem</i>	<i>perdôo</i> > <i>perdoo</i>
<i>prevêem</i> > <i>preveem</i>	<i>rôo</i> > <i>roo</i>
<i>relêem</i> > <i>releem</i>	<i>vôo</i> > <i>voo</i>
<i>vêem</i> > <i>veem</i>	<i>zôo</i> > <i>zoo</i>

Pelo que se apura no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, há 20 vocábulos e 264 formas verbais terminados em *-oo*. Terminadas em *-eem*, há 19 formas verbais. Todos ficam sem acento gráfico.

Perdem o acento gráfico diferencial os vocábulos abaixo (Base IX, 9.º):

<i>côa(s)</i> (formas do verbo <i>coar</i>) > <i>coa</i>
<i>pára</i> (forma do verbo <i>parar</i>) > <i>para</i>
<i>pêlo(s)</i> (substantivo) > <i>pelo(s)</i>
<i>pêra(s)</i> (substantivo) > <i>pera(s)</i>
<i>pôla(s)</i> (subs. "rebento vegetal") > <i>pola(s)</i>
<i>pôlo(s)</i> (subst.: "falcão com menos de um ano") > <i>polo(s)</i>
<i>péla</i> (forma do verbo <i>pelar</i>) > <i>pela</i>
<i>pélas</i> (forma do verbo <i>pelar</i>) > <i>pelas</i>
<i>pélo</i> (forma do verbo <i>pelar</i>) > <i>pelo</i>
<i>péra</i> (subs.: "pedra") > <i>pera</i>
<i>póla(s)</i> (subs. "surra") > <i>pola(s)</i>
<i>pólo(s)</i> (substantivo) > <i>polo(s)</i>

Perdem o acento gráfico o / ou *u* tônicos precedidos de ditongo em paroxítonos (Base X, 4.º):

<i>auíba</i> > <i>aiuba</i>	<i>baiúca</i> > <i>baiuca</i>
<i>cauíla</i> > <i>cauila</i>	<i>bacaiúba</i> > <i>bacaiuba</i>
<i>janauíra</i> > <i>janauira</i>	<i>Bocaiúva</i> (MG) > <i>Bocaiuva</i>
<i>malauíta</i> > <i>malauita</i>	<i>boiúna</i> > <i>boiuna</i>
<i>nepouíta</i> > <i>nepouita</i>	<i>boiúno</i> > <i>boiuno</i>
<i>sarauíta</i> > <i>sarauita</i>	<i>feiúra</i> > <i>feiura</i>
<i>tarauíra</i> > <i>tarauira</i>	<i>Guaiúba</i> (CE) > <i>Guaiuba</i>
<i>Araguaína</i> (TO) > <i>Araguaina</i>	<i>Ipuiúna</i> (MG) > <i>Ipuiuna</i>
<i>baiacuguaína</i> > <i>baiacuguaina</i>	<i>reiúno</i> > <i>reiuno</i>
<i>Guaíba</i> (RS) > <i>Guaiba</i>	<i>Taiúva</i> (SP) > <i>Taiuva</i>
<i>Guaíra</i> (PR) > <i>Guaira</i>	<i>tapaiúno</i> > <i>tapaiuno</i>
<i>Sauípe</i> (BA) > <i>Sauipe</i>	<i>uaiúá</i> > <i>uaiua</i>
<i>tinguaíto</i> > <i>tinguaito</i>	<i>biguaúna</i> > <i>biguauna</i>

Perde o acento gráfico o *u* tônico dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui* (Base X, 7.º):

<i>argúi</i> > <i>argui</i>	<i>apazigúe</i> > <i>apazigue</i> ou <i>apazígue</i>
<i>argúis</i> > <i>arguis</i>	<i>enxagúem</i> > <i>enxaguem</i> ou <i>enxáguem</i>
<i>argúem</i> > <i>arguem</i>	<i>obliqúe</i> > <i>oblique</i> ou <i>oblíque</i>
<i>averigúe</i> > <i>averigue</i>	<i>obliqúes</i> > <i>obliques</i> ou <i>oblíques</i>
<i>averigúem</i> > <i>averiguem</i>	<i>obliqúem</i> > <i>obliquem</i> ou <i>oblíquem</i>

No *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004, eletrônico), encontram-se 58 formas pertencentes a 15 verbos nessa situação (*arguir*, *redarguir*; *apaniguar*, *apaziguar*, *atreguar*, *averiguar*, *biguar*, *contiguar*, *deslinguar*, *eguar*, *fraguar*, *paziguar*, *santiguar*; *coliquar*, *obliquar*). Todas perdem o acento gráfico.

Ganham acento gráfico os paroxítonos terminados em -*que*, -*quem*, com *u* pronunciado (Base X, 7.º):

<i>alonginqüe</i> > <i>alongínque</i>
<i>alonginqües</i> > <i>alongínques</i>
<i>apropinqües</i> > <i>apropínques</i>
<i>apropinqüem</i> > <i>apropínquem</i>
<i>delinqüe</i> > <i>delínque</i>
<i>delinqüem</i> > <i>delínquem</i>
<i>retorqüe</i> > <i>retórque</i>

Faculta-se usar acento gráfico na 1.^a pessoa plural do pretérito perfeito do indicativo da 1.^a conjugação e na forma *dêmos* desse tempo (Base IX, 4.^o e 6.^o):

<i>amamos</i> > <i>amámos</i>	<i>nadamos</i> > <i>nadámos</i>
<i>cantamos</i> > <i>cantámos</i>	<i>perdoamos</i> > <i>perdoámos</i>
<i>falamos</i> > <i>falámos</i>	<i>rezamos</i> > <i>rezámos</i>
<i>gritamos</i> > <i>gritámos</i>	<i>somamos</i> > <i>somámos</i>
<i>levamos</i> > <i>levámos</i>	<i>tratamos</i> > <i>tratámos</i>
<i>mandamos</i> > <i>mandámos</i>	<i>votamos</i> > <i>votámos</i>

Pelos registros apurados no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, há 13.011 formas verbais nessa situação.

Pode-se usar acento agudo ou circunflexo nas letras *e* ou *o* antes de *m* ou *n* com qu não formam sílaba. Com acento agudo, é a forma preferida em Portugal; com circunflexo, no Brasil (Base IX, 2.^o, e XI, 3.^o):

<i>acadêmico</i> = <i>académico</i>	<i>antônimo</i> = <i>antónimo</i>
<i>efêmero</i> = <i>efémero</i>	<i>cômodo</i> = <i>cómodo</i>
<i>gênero</i> = <i>género</i>	<i>fenômeno</i> = <i>fenómeno</i>
<i>sêmen</i> = <i>sémen</i>	<i>ônus</i> = <i>ónus</i>
<i>tênis</i> = <i>ténis</i>	<i>quelônio</i> = <i>quelónio</i>
<i>Vênus</i> = <i>Vénus</i>	<i>tônico</i> = <i>tónico</i>

Num levantamento feito no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, foram encontrados 1.861 vocábulos em que o acento circunflexo pode ser substituído pelo acento agudo. Para o *Acordo Ortográfico* de 1990, num *corpus* de 110.000 vocábulos, há cerca de 1.400 nessa situação (Item 5.2.4 da *Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990)

Os verbos terminados em *-guar*, *-quar* ou *-quir* (*u* articulado) passam a ter, oficialmente, dois paradigmas de conjugação nas formas rizotônicas: um com tônica antes dessa terminação (e com acento); outro com tônica no *u*, mas sem acento (Base X, 7.^o):

<i>águo</i> = <i>aguo</i>	<i>deságuo</i> = <i>desague</i>
<i>águas</i> = <i>aguas</i>	<i>deságuem</i> = <i>desaguem</i>
<i>água</i> = <i>agua</i>	<i>enxágua</i> = <i>enxagua</i>
<i>águam</i> = <i>aguam</i>	<i>enxáguem</i> = <i>enxaguem</i>
<i>averígue</i> = <i>averigue</i>	<i>delínque</i> = <i>delinque</i>
<i>averígues</i> = <i>averigues</i>	<i>delínquam</i> = <i>delinquam</i>
<i>averíguem</i> = <i>averiguem</i>	<i>oblíque</i> = <i>oblique</i>

TREMA (Base XIV)

O uso do trema desaparece nas palavras portuguesas. O *u*, porém, independentemente do sinal diacrítico, continua pronunciado.

<i>agüentar</i>	>	<i>aguentar</i>	<i>áqüeo</i>	>	<i>áqueo</i>
<i>angüiforme</i>	>	<i>anguiforme</i>	<i>aqüífero</i>	>	<i>aquífero</i>
<i>argüição</i>	>	<i>arguição</i>	<i>cinqüenta</i>	>	<i>cinquenta</i>
<i>bilíngüe</i>	>	<i>bilíngue</i>	<i>eqüidade</i>	>	<i>equidade</i>
<i>enxagüei</i>	>	<i>enxaguei</i>	<i>qüinqüênio</i>	>	<i>quinquênio</i>
<i>lingüiça</i>	>	<i>linguiça</i>	<i>seqüela</i>	>	<i>sequela</i>
<i>sagüi</i>	>	<i>sagui</i>	<i>tranqüilo</i>	>	<i>tranquilo</i>

Em vocábulos estrangeiros ou deles derivados, o trema deve continuar sendo usado: *Hübner, hübneriano; Müller, mülleriano; Würm, würrminiano*.

HÍFEN (Bases XV a XVII)

O hífen foi o sinal gráfico com maiores alterações. Pelas novas regras, ele mantém-se:

- nos vocábulos compostos: *bem-te-vi, Grã-Bretanha, luso-brasileiro, segunda-feira, peixe-agulha-do-brasil*;
- nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos: *amá-la, pô-lo, encontrei-os; enviar-lhe-emos, louvar-nos-á, trá-la-íamos*;
- na formação de vocábulos compostos com o advérbio *mal*, quando se lhe segue radical iniciado por vogal ou *h*: *mal-agradecido, mal-educado, mal-humorado*;
- na formação de vocábulos compostos com o advérbio *bem*: *bem-aventurado, bem-estar, bem-falante, bem-humorado, bem-nascido, bem-soante, bem-visto*. Às vezes, também não se usa o hífen: *bendizer, benfazer, benquisto*;
- na formação de vocábulos com os seguintes prefixos ou elementos mórficos:
 - *além-, aquém-, recém-* e *sem-*: *além-mar, além-túmulo; aquém-fronteira, aquém-mar; recém-casado, recém-nascido; sem-cerimônia, sem-terra*;
 - *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-, soto-, vice-* e *vizo-*: *ex-marido, ex-presidente; sota-piloto, soto-mestre; vice-diretor, vice-presidente; vizo-rei*;
 - *pós-, pré-* e *pró-*: *pós-graduação, pré-escola, pró-africano*.

Com os prefixos *de-*, *in-* e *re-*, não se usa hífen. Se o radical começar por *h*, essa letra é suprimida: *desarmonia*, *desonesto*; *inábil*, *inumano*; *reaver*, *reidratar*.

Alguns compostos perdem o hífen e passam a ser escritos aglutinadamente: *mandachuva*, *paraquedas*, *paraquedista*. Essa regra já existia. Só o *Vocabulário* da Academia Brasileira de Letras poderá dar orientação segura sobre quais vocábulos perdem e quais não perdem o hífen.

Regras Novas do Hífen

As novas regras para o uso do hífen com prefixos e pseudoprefixos praticamente se resumem ao seguinte:

Como regra geral, o hífen será usado quando o radical começar com *h* ou com a mesma letra com que termina o prefixo ou pseudoprefixo. Nos demais casos, juntam-se os elementos sem hífen (Base XVI).

Em levantamento feito a partir do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, há cerca de 754 vocábulos formados por prefixo e grafados com hífen. Desse total, em 245 o hífen permanece e em 509 é suprimido. Há, porém, cerca de 50 vocábulos que passam a ser escritos com hífen.

Exemplos de vocábulos em que o hífen permanece:

<i>auto-observação</i>	<i>contra-habitual</i>
<i>contra-ataque</i>	<i>extra-humano</i>
<i>extra-axilar</i>	<i>infra-hepático</i>
<i>infra-assinado</i>	<i>proto-histórico</i>
<i>intra-articular</i>	<i>pseudo-hímen</i>
<i>neo-otoplastia</i>	<i>semi-humano</i>
<i>proto-oncogene</i>	<i>hiper-realismo</i>
<i>semi-internato</i>	<i>inter-racial</i>
<i>ultra-apressado</i>	<i>super-resistente</i>

Exemplos de vocábulos em que o hífen é suprimido:

<i>auto-escola</i> > <i>autoescola</i>	<i>ante-sala</i> > <i>antessala</i>
<i>contra-oferta</i> > <i>contraoferta</i>	<i>anti-rábico</i> > <i>antirrábico</i>
<i>extra-escolar</i> > <i>extraescolar</i>	<i>arqui-rival</i> > <i>arquirrival</i>
<i>infra-escrito</i> > <i>infraescrito</i>	<i>sobre-roda</i> > <i>sobrerroda</i>
<i>intra-ocular</i> > <i>intraocular</i>	<i>contra-regra</i> > <i>contrarregra</i>
<i>neo-escolástico</i> > <i>neoescolástico</i>	<i>extra-sístole</i> > <i>extrassístole</i>
<i>proto-ariano</i> > <i>protoariano</i>	<i>infra-som</i> > <i>infrassom</i>

semi-árido > *semiárido*
ultra-elevado > *ultraelevado*

proto-romantismo > *protorromantismo*
pseudo-sigla > *pseudossigla*

Exemplos de vocábulos em que o hífen é acrescido:

<i>antestréia</i> > <i>ante-estrela</i>	<i>eletroóptico</i> > <i>eletro-óptico</i>
<i>antiinflação</i> > <i>anti-inflação</i>	<i>geoistória</i> > <i>geo-história</i>
<i>arquiinimigo</i> > <i>arqui-inimigo</i>	<i>microondas</i> > <i>micro-ondas</i>
<i>circumurado</i> > <i>circum-murar</i>	<i>microônibus</i> > <i>micro-ônibus</i>
<i>circunavegante</i> > <i>circum-navegante</i>	<i>microorganismo</i> > <i>micro-organismo</i>
<i>eletrodráulico</i> > <i>eletro-hidráulico</i>	<i>sobreerguer</i> > <i>sobre-erguer</i>

Exemplos de perda do hífen com duplicação de *rr* e *ss*:

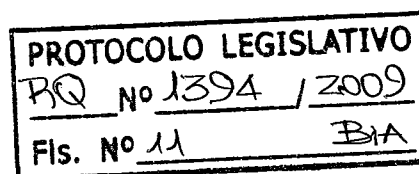
<i>anti-ruga</i> > <i>antirrua</i>	<i>arqui-semema</i> > <i>arquissemema</i>
<i>auto-retrato</i> > <i>autorretrato</i>	<i>auto-serviço</i> > <i>autoserviço</i>
<i>extra-renal</i> > <i>extrarrenal</i>	<i>contra-senha</i> > <i>contrassenha</i>
<i>infra-renal</i> > <i>infrarrenal</i>	<i>extra-sístole</i> > <i>extrassístole</i>
<i>intra-racial</i> > <i>intrarracial</i>	<i>intra-subjetivo</i> > <i>intrassubjetivo</i>
<i>neo-realismo</i> > <i>neorrealismo</i>	<i>neo-socialista</i> > <i>neossocialista</i>
<i>pseudo-rubi</i> > <i>pseudorrubi</i>	<i>pseudo-sigla</i> > <i>pseudossigla</i>
<i>semi-reta</i> > <i>semirreta</i>	<i>semi-sábio</i> > <i>semissábio</i>
<i>ultra-refinado</i> > <i>ultrarrefinado</i>	<i>ultra-som</i> > <i>Ultrassom</i>

À regra geral acima especificada, cabem três notas.

1.^a) No caso dos prefixos *circum-* e *pan-*, usa-se o hífen se o radical começar por vogal, *h*, *m* ou *n*: *circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-africano*, *pan-asiático*, *pan-helênico*, *pan-mágico*, *pan-negritude*.

2.^a) No caso do prefixo *co-*, a regra do *Acordo* de 1990 ficou imprecisa. Embora dê exemplo como *co-herdeiro*, não parece autorizar *co-habitar*, *co-honestar*, historicamente grafado sem hífen. Também não fica claro que se deva escrever *coautor*, *cocredor*, *coedição*, *comediador*, *copiloto*, *corradical*, *cosseno*, sem hífen. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras (1998), registra 189 vocábulos formados por esse prefixo e grafados com hífen. Apenas dois (*co-oposição* e *co-opositor*) ficam com esse sinal gráfico.

3.^a) No caso dos prefixos *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-* e *sub-*, não fica clara a supressão do hífen, usado no *Formulário* de 1943 quando o radical fosse iniciado por *r*. O *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* continua, porém, grafando com hífen: *ab-rogar*, *ad-renal*, *sub-região*.



Inovações no uso do hífen:

O *Acordo Ortográfico* de 1990 trouxe inovações no uso do hífen e na divisão silábica.

1.ª) Ele vai servir para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*, e também nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

2.ª) Ele deve ser repetido no início da linha seguinte, quando o hífen do vocábulo coincide com o hífen da translineação:

*Ontem, durante o jantar, comemos uma deliciosa salada com couve-
-flor, preparada por minha mãe.*

*No mundo contemporâneo, é preciso preservar a natureza, respeitá-
-la em sua integridade e fazê-la mais viva do que nunca.*

3.ª) Os chamados ditongos crescentes das paroxítonas (exceto *u*, semivogal precedida de *q* ou *g*) podem separar-se na divisão silábica: *gló-ri-a*, *ó-di-o*, *sá-bi-o*, *vá-ri-o*; *ár-du-o*, *nó-do-a*, *ró-se-o*, *sé-ri-e*, *tá-bu-a*, etc.

USO DE INICIAIS MINÚSCULAS E MAIÚSCULAS (Base XIX)

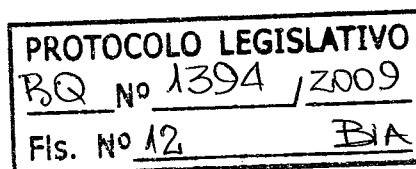
A principal mudança trazida pela nova ortografia relaciona-se com o uso optativo de minúsculas ou maiúsculas nos casos seguintes:

a) em títulos de obras: *Menino de Engenho*, *Vidas Secas*; ou *Menino de engenho*, *Vidas secas*;

b) nos axiônimos e hagiônimos: *Senhor*, *Bacharel*, *Bispo*; *Santa Maria*, *São Pedro*; ou *senhor*, *bacharel*, *bispo*; *santa Maria*, *são Pedro*;

c) nos nomes de cursos, disciplinas ou domínios do saber: *Curso de Letras*, *Literatura Portuguesa I*, *Linguística*; ou *curso de letras*, *literatura portuguesa I*, *linguística*;

d) em categorização de logradouros públicos: *Avenida Tiradentes*, *Rua São Pedro*, *Palácio do Comércio*; ou *avenida Tiradentes*, *rua São Pedro* (ou *rua são Pedro*), *palácio do Comércio*.



2.^a parte

CRONOLOGIA DO ACORDO

O *Acordo Ortográfico* de 1990 busca a unificação da escrita usada pelos países de língua portuguesa, uma vez que o Brasil adota o sistema ortográfico de 1943, e Portugal, o de 1945.

Os principais passos para a vigência desse *Acordo* são os seguintes:

16/12/1990: assinatura em Lisboa pelos representantes dos governos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

4/6/1991: aprovação em Portugal pela Assembleia da República (Resolução n. 26).

18/4/1995: aprovação no Brasil pelo Congresso Nacional (Decreto Legislativo n. 54).

17/7/1998: 1.^o Protocolo Modificativo do *Acordo Ortográfico* de 1990: vigência após ratificação de todos os signatários e após a criação de um vocabulário ortográfico comum.

18/11/1999: aprovação do 1.^o Protocolo Modificativo pela Assembleia da República de Portugal (Resolução n. 8/2000).

12/6/2002: aprovação do 1.^o Protocolo Modificativo pelo Congresso Brasileiro (Decreto Legislativo n. 120, de 2002).

25/7/2004: 2.^o Protocolo Modificativo do *Acordo Ortográfico* de 1990: vigência após ratificação em três países e permissão para que Timor Leste faça adesão ao Acordo.

Abril/2005: ratificação por Cabo Verde do Acordo e dos Protocolos Modificativos.

17/11/2006: ratificação por São Tomé e Príncipe do Acordo e dos Protocolos Modificativos.

21/5/2008: ratificação em Portugal do 2.^o Protocolo Modificativo.

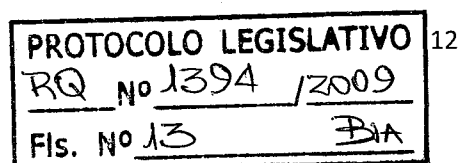
29/9/2008: obrigatoriedade do uso no Brasil pelo Decreto n. 6.583, assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com vigência a partir de 1.^o de janeiro de 2009 e tolerância das regras antigas até final de 2012.

A maioria das regras contidas no *Acordo* de 1990 já estavam presentes em normas anteriores, adotadas pelo Estado desde 1911 em Portugal e 1931 no Brasil, especialmente nos Acordos de 1931, 1943, 1945, 1971, 1975 e 1986.

A seguir, transcrevem-se o Decreto do Presidente Lula e o texto do *Acordo Ortográfico*, com alguns comentários em notas de rodapé.

Brasília-DF, 1.^o de janeiro de 2009

José Willemann



DECRETO N. 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008*

Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e

Considerando que o Congresso Nacional aprovou, por meio do Decreto Legislativo n. 54, de 18 de abril de 1995, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990;

Considerando que o Governo brasileiro depositou o instrumento de ratificação do referido Acordo junto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa, na qualidade de depositário do ato, em 24 de junho de 1996;

Considerando que o Acordo entrou em vigor internacional em 1.º de janeiro de 2007, inclusive para o Brasil, no plano jurídico externo;

DECRETA:

Art. 1.º O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, entre os Governos da República de Angola, da República Federativa do Brasil, da República de Cabo Verde, da República de Guiné-Bissau, da República de Moçambique, da República Portuguesa e da República Democrática de São Tomé e Príncipe, de 16 de dezembro de 1990, apenso por cópia ao presente Decreto, será executado e cumprido tão inteiramente como nele se contém.

Art. 2.º O referido Acordo produzirá efeitos somente a partir de 1.º de janeiro de 2009.

Parágrafo único. A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1.º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida.

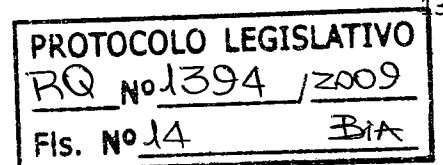
Art. 3.º São sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo, assim como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do art. 49, inciso I, da Constituição, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 4.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de setembro de 2008;
187.º da Independência e 120.º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Celso Luiz Nunes Amorim

* Publicado no *Diário Oficial da União*, de 30/9/2008.



DECRETO LEGISLATIVO N. 54, DE 1995*

Aprova o texto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º É aprovado o texto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

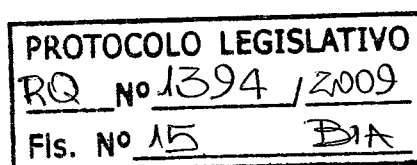
Parágrafo único. São sujeitas à apreciação do Congresso Nacional quaisquer atos que impliquem revisão do referido Acordo, bem como quaisquer atos que, nos termos do art. 49, I, da Constituição Federal, acarretem encargos ou compromissos gravosos para o patrimônio nacional.

Art. 2.º Esse Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, 18 de abril de 1995.

Senador **José Sarney**, Presidente.

* O texto deste Decreto com o respectivo Acordo foi publicado no *Diário do Congresso Nacional*, de 21/4/1995. No *Diário Oficial da União*, de 30/9/2008, também foi publicado na íntegra o texto do *Acordo Ortográfico* de 1990.



ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Lisboa, 14, 15 e 16 de Dezembro¹ de 1990.

Considerando que o projecto² de texto de ortografia unificada de língua portuguesa aprovado em Lisboa, em 12 de outubro de 1990, pela Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com a adesão da delegação de observadores da Galiza, constitui um passo importante para a defesa da unidade essencial da língua portuguesa e para o seu prestígio internacional,

Considerando que o texto do acordo que ora se aprova resulta de um aprofundado debate nos Países signatários,

a República Popular de Angola,
a República Federativa do Brasil,
a República de Cabo Verde,
a República da Guiné-Bissau,
a República de Moçambique,
a República Portuguesa,
a República Democrática de São Tomé e Príncipe,

acordam o seguinte:

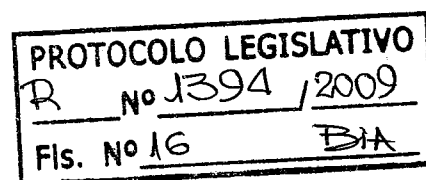
Artigo 1.º É aprovado o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que consta como anexo I ao presente instrumento de aprovação, sob a designação de Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) e vai acompanhado da respectiva nota explicativa, que consta como anexo II ao mesmo instrumento de aprovação, sob a designação de Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

Artigo 2.º Os Estados signatários tomarão, através das instituições e órgãos competentes, as providências necessárias com vista à elaboração, até 1 de Janeiro de 1993, de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa, tão completo quanto desejável e tão normalizador quanto possível, no que se refere às terminologias científicas e técnicas.

Artigo 3.º O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrará em vigor em 1 de Janeiro de 1994, após depositados os instrumentos de ratificação de todos os Estados junto do Governo da República Portuguesa.

¹ No Brasil, a tradição ortográfica manda grafar o nome dos meses com inicial minúscula. Este novo Acordo também (Base XIX, 1.º, *b*). Não há, pois, razão para que apareça no texto do Acordo *Dezembro*, com inicial maiúscula.

² A forma *projeto*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, *c*). O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), da Academia das Ciências de Lisboa, grafa *projecto*, mas dá a pronúncia sem o *c*. Pela *Nota Explicativa do Acordo*, o *c* é suprimido (Item 4.2, *a*).



Artigo 4.º Os Estados signatários adoptarão³ as medidas que entenderem adequadas ao efectivo⁴ respeito da data da entrada em vigor estabelecida no artigo 3.º.

Em fé do que, os abaixo assinados,⁵ devidamente credenciados para o efeito, aprovam o presente acordo, redigido em língua portuguesa, em sete exemplares, todos igualmente autênticos.

Assinado em Lisboa, em 16 de Dezembro de 1990.

Pela República Popular de Angola, José Mateus de Adelino Peixoto, Secretário de Estado da Cultura.

Pela República Federativa do Brasil, Carlos Alberto Gomes Chiarelli, Ministro da Educação.

Pela República de Cabo Verde, David Hopffer Almada, Ministro da Informação, Cultura e Desportos.

Pela República da Guiné-Bissau, Alexandre Brito Ribeiro Furtado, Secretário de Estado da Cultura.

Pela República de Moçambique, Luis Bernardo Honwana, Ministro da Cultura.

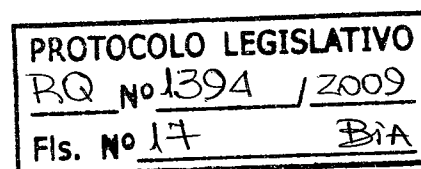
Pela República Portuguesa, Pedro Miguel de Santana Lopes, Secretário de Estado da Cultura.

Pela República Democrática de São Tomé e Príncipe, Lígia Silva Graça do Espírito Santo Costa, Ministra da Educação e Cultura.

³ A forma preferida no Brasil é *adotarão*, que continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *adoptar*, mas dá a pronúncia sem o *p*. Pela *Nota Explicativa do Acordo*, o *p* é suprimido (Item 4.1).

⁴ A forma preferida no Brasil é sem o *c* (*efetivo*), também permitida por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *efectivo*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

⁵ Nos textos publicados no *Diário do Congresso Nacional*, *Diário Oficial da União* e *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, está escrito sem hífen e com vírgula depois da conjunção *que*.



ANEXO I
ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
(1990)

BASE I

Do alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados

1.º O alfabeto da língua portuguesa é formado por vinte e seis letras, cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula:

a	A	(á)	j	J	(jota)	s	S	(esse)
b	B	(bê)	k	K	(capa ou cá)	t	T	(tê)
c	C	(cê)	l	L	(ele)	u	U	(u)
d	D	(dê)	m	M	(eme)	v	V	(vê)
e	E	(é)	n	N	(ene)	w	W	(dáblio)
f	F	(efe)	o	O	(ó)	x	X	(xis)
g	G	(gê ou guê)	p	P	(pê)	y	Y	(ípsilon)
h	H	(agá)	q	Q	(quê)	z	Z	(zê)
i	I	(i)	r	R	(erre)			

Obs.: 1. Além destas letras, usam-se o *ç* (cê cedilhado) e os seguintes dígrafos *rr* (erre duplo), *ss* (esse duplo), *ch* (cê-agá), *lh* (ele-agá), *nh* (ene-agá), *gu* (guê-u) e *qu* (quê-u).⁶

2. Os nomes das letras acima sugeridas não excluem outras formas de as designar.

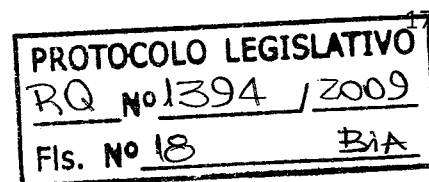
2.º As letras *k*, *w* e *y* usam-se nos seguintes casos especiais:

a) Em antropónimos/antropônimos⁷ originários de outras línguas e seus derivados: *Franklin*, *frankliniano*; *Kant*, *kantismo*; *Darwin*, *darwinismo*; *Wagner*, *wagneriano*; *Byron*, *byroniano*; *Taylor*, *taylorista*;

b) Em topónimos/topônimos originários de outras línguas e seus derivados: *Kwanza*, *Kuwait*, *kuwaitiano*; *Malawi*, *malawiano*;

⁶ Faltou incluir também os dígrafos *sc*, *sç* e *xc* (cf. *descer*, *onisciente*; *cresço*, *desça*; *exceto*, *excitante*; etc.), que não foram abolidos expressamente por este Acordo.

⁷ Como regra geral, observa-se que, antes de consoante nasal (*/m/*, */n/* */ñ/*), os portugueses proferem vogais médias abertas (*/ê/*, */ó/*); os brasileiros, vogais médias fechadas (*/ê/*, */ô/*). Daí serem constantes neste Acordo os pares: *antropónimos/antropônimos*, *prémio/prêmio*, *topónimos/topônimos*, *tónica/tônica*, etc. No *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), há 1.861 vocábulos com acento circunflexo nessas condições. No *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*, esses vocábulos são grafados com acento agudo.



c) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional: *TWA, KLM; K – potássio (de kalium), W – oeste (West); kg – quilograma, km – quilômetro,⁸ kW – kilowatt, yd – jarda (yard); Watt.*

3.º) Em congruência com o número anterior, mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações gráficas ou sinais diacríticos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia/jefferssônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller; shakespeariano, de Shakespeare.*

Os vocabulários autorizados registrarão⁹ grafias alternativas admissíveis, em casos de divulgação de certas palavras de tal tipo de origem (a exemplo de *fúcsia/fúchsia* e derivados, *buganvilla/buganvílea/bougainvillea*).

4.º) Os dígrafos finais de origem hebraica *ch, ph* e *th* podem conservar-se em formas onomásticas da tradição bíblica, como *Baruch, Loth, Moloch, Ziph*, ou então simplificar-se: *Baruc, Lot, Moloc, Zif*. Se qualquer um destes dígrafos, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José, Nazaré*, em vez de *Joseph, Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica:¹⁰ *Judite*, em vez de *Judith*.

5.º) As consoantes finais grafadas *b, c, d, g* e *t* mantêm-se, quer sejam mudas, quer proferidas, nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropónimos/antropônimos e topónimos/topônimos da tradição bíblica: *Jacob, Job, Moab,¹¹ Isaac; David, Gad; Gog, Magog; Bensabat, Josafat.*

Integram-se também nesta forma: *Cid*, em que o *d* é sempre pronunciado; *Madrid* e *Valhadolid*, em que o *d* ora é pronunciado, ora não; e *Calecut* ou *Calicut*, em que o *t* se encontra nas mesmas condições.

Nada impede, entretanto, que dos antropónimos/antropônimos em apreço sejam usados sem a consoante final: *Jó, Davi* e *Jacó*.

6.º) Recomenda-se que os topónimos/topônimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zürich*, por *Zurique*,¹² etc.

BASE II

⁸ Este Acordo também admite a forma *km-quilômetro* (Base XI, 3.º), preferida no Brasil.

⁹ *Registrar* é forma variante de *registrar*. Essa, aliás, é a forma preferida no Brasil.

¹⁰ Em Gramática Histórica, essa adição recebe o nome de *paragoge* ou *epítese*.

¹¹ Para manter a uniformidade de pontuação, deveria ser usado ponto-e-vírgula.

¹² Para manter a uniformidade de pontuação, deveria ser usado ponto-e-vírgula.

Do *h* inicial e final

1.º) O *h* inicial emprega-se:

- a) Por força da etimologia: *haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor.*
- b) Em virtude de adoção convencional: *hã? hem? hum!.*

2.º) O *h* inicial suprime-se:

a) Quando, apesar da etimologia, a sua supressão está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal, ervanário, ervoso* (em contraste com *herbáceo, herbanário, herboso*, formas de origem erudita);

b) Quando, por via de composição,¹³ passa a interior e o elemento em que figura se aglutina ao precedente: *biebdomadário, desarmonia, desumano, exaurir, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver.*

3.º) O *h* inicial mantém-se, no entanto, quando, numa palavra composta, pertence a um elemento que está ligado ao anterior por meio de hífen: *anti-higiénico/anti-higiênico, contra-haste, pré-história, sobre-humano.*

4.º) O *h* final emprega-se em interjeições: *ah! oh!*

BASE III

Da homofonia de certos grafemas consonânticos

Dada a homofonia existente entre certos grafemas consonânticos, torna-se necessário diferenciar os seus empregos, que fundamentalmente se regulam pela história das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita os grafemas consonânticos homófonos nem sempre permite fácil diferenciação dos casos em que se deve empregar uma letra e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, a representar o mesmo som.

Nesta conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

1.º) Distinção gráfica entre *ch* e *x*: *achar, archote, bucha, capacho, capucho, chamar, chave, Chico, chiste, chorar, colchão, colchete, endecha, estrebucha, facho, ficha, flecha, frincha, gancho, inchar, macho, mancha, murchar, nicho, pachorra, pecha, pechincha, penacho, rachar, sachar, tacho; ameixa, anexim, baixel, baixo, bexiga, bruxa, coaxar, coxia, debuxo, deixar, eixo, elixir, enxofre, faixa, feixe, madeixa, mexer, oxalá, praxe, puxar, rouxinol, vexar, xadrez, xarope, xenofobia, xerife, xícara.*

2.º) Distinção gráfica entre *g*, com valor de fricativa palatal, e *j*: *adágio, alfageme, Álgebra, algema, algeroz, Algés, algibebe, algibeira, algido, almargem, Alvorge, Argel, estrangeiro, falange, ferrugem, frigir, gelosia, gengiva, gergelim, geringonça, Gibraltar, ginete, ginja, girafa, gíria, herege, relógio, sege, Tânger, virgem; adjetivo, ajeitar, ajeru* (nome de planta indiana e de uma espécie de

¹³ Nesse contexto, *composição* abrange a composição propriamente dita e a derivação.

papagaio), *canjerê, canjica, enjeitar, granjear, hoje, intrujice, jecoral, jejum, jeira, jeito, Jeová, jenipapo, jequiri, jequitibá, Jeremias, Jericó, jerimum, Jerónimo*,¹⁴ *Jesus, jibóia, jiquipanga, jiquiró, jiquitaia, jirau, jiriti, jiritana, laranjeira, lojista, majestade, majestoso, manjerico, manjerona, mucujê, pajé, pegajento, rejeitar, sujeito, trejeito.*

3.º) Distinção gráfica entre as letras *s, ss, c, ç* e *x*, que representam sibilantes surdas: *ânsia, ascensão, aspersão, cansar, conversão, esconso, farsa, ganso, imenso, mansão, mansarda, manso, pretensão, remanso, seara, seda, Seia, Sertã, Sernancelhe, serralheiro, Singapura, Sintra, sisa, tarso, terso, valsa; abadessa, acossar, amassar, arremessar, Asseiceira, asseio, atravessar, benesse, Cassilda, codesso* (identicamente *Codessal* ou *Codassal, Codessedada, Codessoso*, etc.), *crasso, devassar, dossel, egresso, endossar, escasso, fosso, gesso, molosso, mossa, obsessão, pêssego, possesso, remessa, sossegar; acém, acervo, alicerce, cebola, cereal, Cernache, cetim, Cinfães, Escócia, Macedo, obcecar, percevejo; açafate, açorda, açúcar, almaço, atenção, berço, Buçaco, caçanje, caçula, caraça, dançar, Eça, enguiço, Gonçalves, inserção, linguça, maçada, Mação, maçar, Moçambique, Monção, muçulmano, murça, negaça, pança, peça, quiçaba, quiçaça, quiçama, quiçamba, Seiça* (grafia que pretere as errôneas/errôneas *Ceiça* e *Ceissa*), *Seiçal, Suíça, terço; auxílio, Maximiliano, Maximino, máximo, próximo, sintaxe.*

4.º) Distinção gráfica entre *s* de fim de sílaba (inicial ou interior) e *x* e *z* com idêntico valor fónico/fônico: *adestrar, Calisto, escusar, esdrúxulo, esgotar, esplanada, esplêndido, espontâneo, espremer, esquisito, estender, Estremadura, Estremoz, inesgotável; extensão, explicar, extraordinário, inextricável, inexperto, sextante, têxtil; capazmente, infelizmente, velozmente.* De acordo com esta distinção, convém notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o *x = s* muda para *s* sempre que está precedido de *i* ou *u*: *justapor, justalinear, misto, sistino* (cf. *Capela Sistina*), *Sisto*, em vez de *juxtapor, juxtalinear, mixto, sextina, Sixto*.¹⁵

b) Só nos advérbios em *-mente* se admite *z*, com valor idêntico ao de *s*, final de sílaba seguida de outra consoante (cf. *capazmente*, etc.); de contrário, o *s* toma sempre o lugar do *z*: *Biscaia*, e não *Bizcaia*.

5.º) Distinção gráfica entre *s* final de palavra e *x* e *z* com idêntico valor fónico/fônico: *aguarrás, aliás, anis, após, atrás, através, Avis, Brás, Dinis, Garcês, gás, Gerês, Inês, íris, Jesus, jus, lápis, Luís, país, português, Queirós, quis, retrós, revés, Tomás, Valdês; cálix, Félix, Fénix*,¹⁶ *flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez* (substantivo e forma do verbo *fazer*), *fiz, Forjaz, Galaaz, giz, jaez, matiz, petiz,*

¹⁴ A forma *Jerônimo*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹⁵ Neste Acordo, a pontuação do final das alíneas não é uniforme: ora se usa ponto-e-vírgula, ora ponto.

¹⁶ A forma *Fénix*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IX, 2.º, a, Obs.).

Queluz, Romariz, [Arcos de] Valdevez, Vaz. A propósito, deve observar-se que é inadmissível *z* final equivalente a *s* em palavra não oxítone: *Cádis*, e não *Cádiz*.

6.º) Distinção gráfica entre as letras interiores *s*, *x* e *z*, que representam sibilantes sonoras: *aceso, analisar, anestesia, artesão, asa, asilo, Baltasar, besouro, besuntar, blusa, brasa, brasão, Brasil, brisa, [Marco de] Canaveses, coliseu, defesa, duquesa, Elisa, empresa, Ermensinde, Esposende, frenesi ou frenesim, frisar, guisa, improviso, jusante, liso, lousa, Lousã, Luso* (nome de lugar, homónimo/homónimo de *Luso*, nome mitológico), *Matosinhos, Meneses, narciso, Nisa, obséquio, ousar, pesquisa, portuguesa, presa, raso, represa, Resende, sacerdotisa, Sesimbra, Sousa, surpresa, tisana, transe, trânsito, vaso; exalar, exemplo, exibir, exorbitar, exuberante, inexato, inexorável; abalizado, alfazema, Arcozelo, autorizar, azar, azedo, azo, azorrague, baliza, bazar, beleza, buzina, búzio, comezinho, deslizar, deslize, Ezequiel, fuzileiro, Galiza, guizo, helenizar, lambuzar, lezíria, Mouzinho, proeza, sação, urze, vazar, Veneza, Vizela, Vouzela.*

BASE IV **Das sequências consonânticas**

1.º) O *c*, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores *cc* (segundo *c* com valor de sibilante), *cç* e *ct*, e o *p* das sequências interiores *pc* (*c* com valor de sibilante), *pç* e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

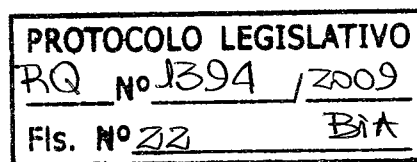
a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto, convicção, convicto, ficção, friccionar, pacto, pictural; adepto, apto, díptico, erupção, eucalipto, inepto, núpcias, rapto.*

b) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *ação, acionar, afetivo, aflicção, aflito, ato, coleção, coletivo, direção, diretor, exato, objeção; adoção, adotar, batizar, Egito, ótimo.*

c) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *aspecto* e *aspeto*, *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *dicção* e *dição*; *facto* e *fato*, *sector* e *setor*; *ceptro* e *cetro*, *concepção* e *conceção*, *corrupto* e *corruto*, *recepção* e *receção*.

d) Quando, nas sequências interiores *mpc*, *mpç* e *mpt* se eliminar o *p* de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o *m* passa a *n*, escrevendo-se, respetivamente¹⁷ *nc*, *nç* e *nt*: *assumpcionista* e *assuncionista*; *assumpção* e *assunção*; *assumptível* e *assuntível*; *peremptório* e *perentório*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *sumptuosidade* e *suntuosidade*.

¹⁷ A forma *respetivamente*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *respectivamente*, mas dá a pronúncia sem o *c*.



2.º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: o *b* da sequência *bd*, em *súbdito*; o *b* da sequência *bt*, em *subtil* e seus derivados; o *g* da sequência *gd*, em *amígdala*, *amígdalácea*, *amígdalar*, *amígdalato*, *amígdalite*, *amígdalóide*,¹⁸ *amígdalopatia*, *amígdalotomia*; o *m* da sequência *mn*, em *amnístia*, *amnístiar*, *indemne*, *indemnidade*, *indemnizar*, *omnímodo*, *omnipotente*, *omnisciente*, etc.; o *t*,¹⁹ da sequência *tm*, em *aritmética* e *aritmético*.

BASE V **Das vogais átonas**

1.º) O emprego do *e* e do *i*, assim como o do *o* e do *u*, em sílaba átona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias:

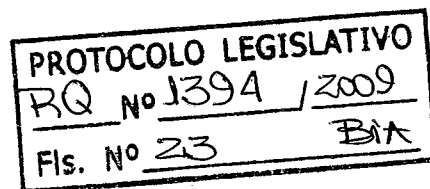
a) Com *e* e *i*: *ameaça*, *amealhar*, *antecipar*, *arrepiar*, *banear*, *boreal*, *campeão*, *cardeal* (prelado, ave, planta; diferente de *cardial* = "relativo à cárdia"), *Ceará*, *côdea*, *enseada*, *enteado*, *Floreal*, *janeanas*, *lêndea*, *Leonardo*, *Leonel*, *Leonor*, *Leopoldo*, *Leote*, *linear*, *meão*, *melhor*, *nomear*, *peanha*, *quase* (em vez de *quási*), *real*, *semear*, *semelhante*, *várzea*; *ameixial*, *Ameixieira*, *amial*, *amieiro*, *arrieiro*, *artilharia*, *capitânia*, *cordial* (adjetivo e substantivo), *corriola*, *crânio*, *criar*, *diante*, *diminuir*, *Dinis*, *ferregial*, *Filinto*, *Filipe* (e identicamente *Filipa*, *Filipinas*, etc.), *freixial*, *giesta*, *Idanha*, *igual*, *imiscuir-se*, *inigualável*, *lampião*, *limiar*, *Lumiar*, *lumieiro*, *pátio*, *pior*, *tigela*, *tijolo*, *Vimieiro*, *Vimioso*;

b) Com *o* e *u*: *abolir*, *Alpendorada*, *assolar*, *borboleta*, *cobiça*, *consoada*, *consoar*, *costume*, *díscolo*, *êmbolo*, *engolir*, *epístola*, *esbaforir-se*, *esboroar*, *farândola*, *femoral*, *Freixoeira*, *girândola*, *goela*, *jocoso*, *mágoa*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *Páscoa*, *Pascoal*, *Pascoela*, *polir*, *Rodolfo*, *távoa*, *tavoada*, *távola*, *tômbola*, *veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *açular*, *água*, *aluvião*, *arcuense*, *assumir*, *bulir*, *camândulas*, *curtir*, *curtume*, *embutir*, *entupir*, *fémur/fêmur*, *fístula*, *glândula*, *ínsua*, *jucundo*, *légua*, *Luanda*, *lucubração*, *lugar*, *mangual*, *Manuel*, *míngua*, *Nicarágua*, *pontual*, *régua*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleta*, *trégua*, *virtualha*.

2.º) Sendo muito variadas as condições etimológicas e histórico-fonéticas em que se fixam graficamente *e* e *i* ou *o* e *u* em sílaba átona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve

¹⁸ No texto publicado pelo *Diário do Congresso Nacional*, de 21/4/1995, no publicado pelo *Diário Oficial da União*, de 30/9/2008, e no publicado pela Academia Brasileira de Letras junto com o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Imprensa Nacional, 1998), essa forma aparece com acento, conforme prática ortográfica brasileira (cf. *Formulário Ortográfico* de 1943). Entretanto, o acento dos ditongos abertos dos vocábulos paroxítonos foi abolido por este Acordo (Base IX, 3.º).

¹⁹ Embora desuniforme, a vírgula está presente no texto da publicação oficial (*Diário do Congresso Nacional*, de 21/4/1995).



empregar-se *e* ou *i*, se *o* ou *u*. Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

a) Escrevem-se com *e*, e não com *i*, antes de sílaba tónica/tônica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em *-eio* e *-eia*, ou com eles estão em relação direta. Assim se regulam: *aldeão, aldeola, aldeota* por *aldeia*; *areal, areeiro, arrento, Areosa* por *areia*; *aveal* por *aveia*; *baleal* por *baleia*; *cadeado* por *cadeia*; *candeeiro* por *candeia*; *centeeira* e *centeeiro* por *centeio*; *colmeal* e *colmeeiro* por *colmeia*; *correada* e *correame* por *correia*.

b) Escrevem-se igualmente com *e*, antes de vogal ou ditongo da sílaba tónica/tônica, os derivados de palavras que terminam em *e* acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: *ea, ee*): *galeão, galeota, galeote*, de *galé*; *coreano*, de *Coreia*; *daomeano*, de *Daomé*; *guineense*, de *Guiné*; *poleame* e *poleeiro*, de *polé*.

c) Escrevem-se com *i*, e não com *e*, antes da sílaba tónica/tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula *-iano* e *-iense*, os quais são o resultado da combinação dos sufixos *-ano* e *-ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde *-ano* e *-ense* estão precedidos de *i* pertencente ao tema: *horaciano, italiano, duriense, fluviense*, etc.): *açoriano, acriano* (de *Acre*), *camoniano, goisiano* (relativo a Damião de Góis), *siniense* (de *Sines*), *sofocliano, torriano, torriense* (de *Torre(s)*).

d) Uniformizam-se com as terminações *-io* e *-ia* (átonas), em vez de *-eo* e *-ea*, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: *cúmio* (popular), de *cume*; *hástia*, de *haste*; *réstia*, do antigo *reste*; *véstia*, de *veste*.

e) Os verbos em *-ear* podem distinguir-se praticamente, grande número de vezes, dos verbos em *-iar*, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em *-eio* ou *-eia* (sejam formados em português ou venham já do latim); assim se regulam: *aldear*, por *aldeia*; *alhear*, por *alheio*; *cear*, por *ceia*; *encadear*, por *cadeia*; *pear*, por *peia*; etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotónicas/rizotônicas em *-eio, -eias*, etc.: *clarear, delinear, devanear, falsear, granjear, guerrear, hastear, nomear, semear*, etc. Existem, no entanto, verbos em *-iar*, ligados a substantivos com as terminações átonas *-ia* ou *-io*, que admitem variantes na conjugação: *negoceio* ou *negocio* (cf. *negócio*); *premeio* ou *premio* (cf. *prémio/prêmio*); etc.

f) Não é lícito o emprego do *u* final átono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso, *moto*, em vez de *mótu*²⁰ (por exemplo, na expressão de *moto próprio*); *tribo*, em vez de *tribu*.

g) Os verbos em *-oar* distinguem-se praticamente dos verbos em *-uar* pela sua conjugação nas formas *rizotónicas/rizotônicas*, que têm sempre *o* na sílaba

²⁰ Este Acordo não prevê acentuação de paroxítonas terminadas em *-u*.

acentuada: *abençoar* com *o*, como *abenção, abençoas*, etc.; *destoar*, com *o*, como *destoo, destoas*, etc.; mas *acentuar*, com *u*, como *acentuo, acentuas*, etc.

BASE VI Das vogais nasais

Na representação das vogais nasais devem observar-se os seguintes preceitos:

1.º) Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra;²¹ e por *n*, se é de timbre diverso de *a* e está seguida de *s*: *afã, grã, Grã-Bretanha, lã, órfã, sã-braseiro* (forma dialetal; o mesmo que *são-brasense* = de S. Brás de Alportel); *clarim, tom, vacum; flautins, semitons, zunzuns*.

2.º) Os vocábulos terminados em *-ã* transmitem esta representação do *a* nasal aos advérbios em *-mente* que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos iniciados por *z*: *cristãmente, irmãmente, sãmente; lãzudo, maçãzita, manhãzinha, romãzeira*.

BASE VII Dos ditongos

1.º) Os ditongos orais, que tanto podem ser tónicos/tônicos como átonos, distribuem-se por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo é representado por *i* ou *u*: *ai, ei, éi, ui; au, eu, éu, iu, ou*.²² *braçais, caixote, deveis, eirado, farnéis* (mas *farneizinhos*), *goivo, goivar, lençóis* (mas *lençoizinhos*), *tafuis, uivar; cacau, cacauero, deu, endeusar, ilhéu* (mas *ilheuzito*), *mediu, passou, regougar*.

Obs.: Admitem-se, todavia, excepcionalmente,²³ à parte destes dois grupos, os ditongos grafados *ae* (= *âi* ou *ai*) e *ao* (= *âu* ou *au*): o primeiro, representado nos antropónimos/antropônimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respectivos derivados e compostos (*caetaninha, são-caetano*, etc.); o segundo, representando nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo *o*, ou seja, *ao* e *aos*.

2.º) Cumpre fixar, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

²¹ Por essa regra, palavras como *cânon, elétron, íon, nêutron, próton, xênon*, etc. seriam escritas com *m*. No entanto, a acentuação das paroxítonas (Base IX, 2.º, *a*, obs. e 5.º, *a*) assegura a grafia com *n* final.

²² Nessa relação, ficaram omissos os ditongos *ói* e *oi*, mas os exemplos *corrói, herói* (Base VII, 2.º, *d*) e *apoio, comboio* (Base IX, 3.º) certificam sua existência.

²³ A forma *excepcionalmente*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, *c*).

a) É o ditongo grafado *ui*, e não a sequência vocálica grafada *ue*, que se emprega nas formas de 2.^a e 3.^a pessoas do singular do presente do indicativo e igualmente na da 2.^a pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-uir*: *constituís, influi, retribuí*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo grafado *ui* de sílaba final ou fim de palavra (*azuis, fui, Guardafui, Rui*, etc.); e ficam assim em paralelo gráfico-fonético com as formas de 2.^a e 3.^a pessoas do singular do presente do indicativo e de 2.^a pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-air* e em *oer*: *atrais, cai, sai; móis, remói, sói*.

b) É o ditongo grafado *ui* que representa sempre, em palavras de origem latina, a união de um *u* a um *i* átono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais grafadas *u* e *i* se separem: *fluídico, fluidez (u-i)*.

c) Além dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existência de ditongos crescentes. Podem considerar-se no número deles as sequências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas, tais as que se representam graficamente por *ea, eo, ia, ie, io, oa, ua, ue, uo*: *áurea, áureo, calúnia, espécie, exímio, mágoa, míngua, ténue/tênue, tríduo*.

3.º) Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tónicos/tônicos como átonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos representados por vogal com til e semivogal; ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m*.²⁴ Eis a indicação de uns e outros:

a) Os ditongos representados por vogal com til e semivogal são quatro, considerando-se apenas a língua padrão contemporânea: *ãe* (usado em vocábulos oxítonos e derivados), *ãi* (usado em vocábulos anoxítonos e derivados), *ão* e *õe*. Exemplos: *cães, Guimarães, mãe, mãezinha; cãibas, cãibeiro, cãibra, zãibo; mão, mãozinha, não, quão, sótão, sotãozinho, tão; Camões, orações, oraçõezinhas, põe, repões*. Ao lado de tais ditongos pode, por exemplo, colocar-se o ditongo *ũi*; mas este, embora se exemplifique numa forma popular como *rũi = ruim*, representa-se sem o til nas formas *muito* e *mui*, por obediência à tradição.

b) Os ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m* são dois: *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

i) *am* (sempre átono) só se emprega em flexões verbais: *amam, deviam, escreveram, puseram*;

ii) *em* (tónico/tônico ou átono) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas determinadas pela posição, pela acentuação ou, simultaneamente, pela posição e

²⁴ O termo consoante deve ser entendido como semivogal grafada *m*. Do contrário, se ditongo é uma sequência de vogal mais semivogal (ou vice-versa), estar-se-ia admitindo ditongo nasal formado por vogal e consoante, o que contraria o conceito de ditongo.

pela acentuação:²⁵ *bem, Bembon, Bemposta, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem; Bencanta, Benfeito, Benfica, benquisto, bens, enfim, enquanto, homenzarrão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens,²⁶ *amém* (variação de *ámen*), *armazém, convém, mantém, ninguém, porém, Santarém, também; convém, mantêm, têm* (3.^{as} pessoas do plural); *armazéns, desdéns, convéns, reténs; Belenzada, vintenzinho.**

BASE VIII

Da acentuação gráfica das palavras oxítonas

1.º) Acentuam-se com acento agudo:

a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tónicas/tônicas abertas grafadas *-a, -e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *está, estás, já, olá; até, é, és, olé, pontapé(s); avó(s), dominó(s), paletó(s), só(s).*

Obs.: Em algumas (poucas) palavras oxítonas terminadas em *-e* tónico/tônico, geralmente proveniente do francês, esta vogal, por ser articulada nas pronúncias cultas ora como aberta ora como fechada, admite tanto o acento agudo como o acento circunflexo: *bebé* ou *bebê, bidé* ou *bidê, canapé* ou *canapê, caraté* ou *caratê, croché* ou *crochê, guiché* ou *guichê, matiné* ou *matinê, nené* ou *nenê, ponjê*, ou *ponjê, puré* ou *purê, rapé* ou *rapê.*

O mesmo se verifica com formas como *cocó* e *cocô, ró* (letra do alfabeto grego) e *rô*. São igualmente admitidas formas como *judô*, a par de *judo*, e *metrô*, a par de *metro*.

b) As formas verbais oxítonas, quando conjugadas com os pronomes clíticos *lo(s)* ou *la(s)*, ficam a terminar na vogal tónica/tônica aberta grafada *-a*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r, -s* ou *-z*: *adorá-lo(s)* (de *adorar-lo(s)*), *dá-la(s)* (de *dar-la(s)* ou de *dá(s)-la(s)*), *fá-lo(s)* (de *faz-lo(s)*), *fá-lo(s)-ás* (de *far-lo(s)-ás*), *habitá-la(s)-iam* (de *habitar-la(s)-iam*), *trá-la(s)-á* (de *trair-la(s)-á*);

c) As palavras oxítonas com mais de uma sílaba terminadas no ditongo nasal grafado *-em* (exceto as formas da 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos compostos de *ter* e *vir*: *retêm, sustêm; advêm, provêm; etc.*) ou *-ens*: *acém, detém, deténs, entretém, entreténs, harém, haréns, porém, provém, provéns, também;*

d) As palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éi, -éu* ou *-ói*, podendo estes dois últimos ser seguidos ou não de *-s*:²⁷ *anéis, batéis, fiéis, papéis;*

²⁵ Pode ocorrer também a existência de vocábulos paroxítonos terminados em *-en*, ditongo nasal (*abdômen, hífen, sémen, etc.*) não contemplado nessa explicitação.

²⁶ Para manter a uniformidade da pontuação, deveria ser usado ponto-e-vírgula.

²⁷ A regra deixa a impressão de que o ditongo *éi* não pode ser seguido de *s*; apenas os ditongos *éu* e *ói*. Na verdade, não há *éi* oxítona terminada em *-éi*, só em *-éis*.

céu(s), chapéu(s), ilhéu(s), véu(s); corrói (de corroer), herói(s), remói (de remoer), sóis.

2.º) Acentuam-se com acento circunflexo:

a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tónicas/tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *cortês, dé, dês (de dar), lê, lês (de ler) português, você(s); avô(s), pôs, (de pôr) robô(s);*

b) As formas verbais oxítonas, quando conjugadas com os pronomes clíticos *lo(s)* ou *la(s)*, ficam a terminar nas vogais tónicas/tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r*, *-s* ou *-z*: *detê-lo(s)* (de *deter-lo(s)*), *fazê-la(s)* (de *fazer-la(s)*), *fê-lo(s)* (de *fez-lo(s)*), *vê-la(s)* (de *ver-la(s)*), *compô-la(s)* (de *compor-la(s)*), *repô-la(s)* (de *repor-la(s)*), *pô-la(s)* (de *por-la(s)*)²⁸ ou *pôs-la(s)*.

3.º) Prescinde-se de acento gráfico para distinguir palavras oxítonas homógrafas, mas heterofónicas/heterofônicas, do tipo da *cor (ô)*, substantivo, e *cor (ó)*, elemento da locução *de cor*, *colher (ê)*, verbo, e *colher (é)*, substantivo. Excetua-se a forma verbal *pôr*, para a distinguir da preposição *por*.

BASE IX

Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas

1.º) As palavras paroxítonas não são em geral acentuadas graficamente: *enjoo, grave, homem, mesa, Tejo, vejo, velho, voo; avanço, floresta; abenço, angolano, brasileiro; descobrimento, graficamente, moçambicano.*

2.º) Recebem, no entanto, acento agudo:

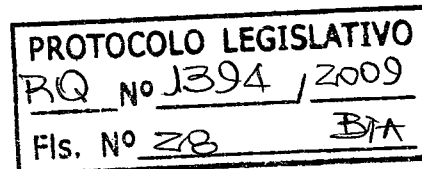
a) As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tónica/tônica, as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em *-l*, *-n*,²⁹ *-r*, *-x* e *ps*, assim como, salvo raras exceções, as respetivas³⁰ formas do plural, algumas das quais passam a proparoxítonas: *amável* (pl. *amáveis*), *Aníbal*, *dócil* (pl. *dóceis*),³¹

²⁸ No texto do Acordo, está sem acento. Entretanto, a forma verbal *pôr* (Base VIII, 3.º) continua a receber acento diferencial.

²⁹ Nos exemplos citados pela regra, as paroxítonas terminadas em *-n* são precedidos de *e*, cuja forma plural, quando permanece paroxítona, não leva o acento, por oposição às oxítonas terminadas em *-ens* (*parabéns, convéns*, etc.), que são acentuadas. Entretanto, no texto deste Acordo, há exemplos de paroxítonas em que o *-n* é precedido de *o* (*plâncton, plânctons, xénon*). No plural dessas e de outras como *elétron, íon, nêutron, próton* (*elétrons, íons, nêutrons, prótons*), deveria estar previsto o acento gráfico, por conta do princípio que norteia a oposição entre paroxítonas e oxítonas, já que existem oxítonas terminadas em *-ons* sem previsão de serem acentuadas (*bombons, pompons, semitons*, etc.). Há cerca de 209 paroxítonos terminados em *-on*.

³⁰ A forma *respetivas*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, a). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *respectivo*, mas dá sem a pronúncia do *c*.

³¹ Provavelmente por um cochilo de revisão, no texto publicado pelo *Diário do Congresso Nacional*, está sem a vírgula.



dúctil (pl. *dúcteis*), *fóssil* (pl. *fósseis*), *réptil* (pl. *répteis*; var. *reptil*, pl. *reptis*); *cármem* (pl. *cármemes* ou *carmens*;³² var. *carne*, pl. *carmes*); *dólmen* (pl. *dólmenes* ou *dolmens*), *éden* (pl. *édenes* ou *edens*), *líquen* (pl. *líquenes*), *lúmen* (pl. *lúmenes* ou *lumens*); *açúcar* (pl. *açúcares*), *almíscar* (pl. *almíscares*), *cadáver* (pl. *cadáveres*), *caráter* ou *carácter* (mas pl. *carateres* ou *caracteres*), *ímpar* (pl. *ímpares*); *Ájax*, *córtex* (pl. *córtex*; var. *córtice*, pl. *córtices*), *índex* (pl. *índex*; var. *índice*, pl. *índices*), *tórax* (pl. *tórax* ou *tóraxes*; var. *torace*, pl. *toraces*); *bíceps* (pl. *bíceps*; var. *bicípite*, pl. *bicípites*), *fórceps* (pl. *fórceps*; var. *fórcepe*, pl. *fórcipes*).

Obs.: Muito poucas palavras deste tipo, com as vogais tónicas/tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua e, por conseguinte, também de acento gráfico (agudo ou circunflexo): *sémen* e *sêmen*, *xénon* e *xênon*; *fémur* e *fêmur*, *vómer* e *vômer*; *Fénix* e *Fênix*, *ónix* e *ônix*.

b) As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tónica/tônica, as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em *-ã(s)*, *-ão(s)*, *-ei(s)*, *-i(s)*, *-um*, *-uns* ou *-us*.³³ *órfã* (pl. *órfãs*), *acórdão* (pl. *acórdãos*), *órfão* (pl. *órfãos*), *órgão* (pl. *órgãos*), *sótão* (pl. *sótãos*); *hóquei*, *jóquei* (pl. *jóqueis*), *amáveis* (pl. de *amável*), *fáceis* (pl. de *fácil*), *fósseis* (pl. de *fóssil*), *amáreis* (de *amar*), *amáveis* (id.), *cantaréis* (de *cantar*), *fizéreis* (de *fazer*), *fizésseis* (id.); *beribéri* (pl. *beribéris*), *bílis* (sg. e pl.), *íris* (sg. e pl.), *júri* (pl. *júris*), *oásis* (sg. e pl.); *álbum* (pl. *álbuns*), *fórum* (pl. *fóruns*); *húmus* (sg. e pl.), *vírus* (sg. e pl.).

Obs.: Muito poucas paroxítonas deste tipo, com as vogais tónicas/tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua, o qual é assinalado com acento agudo, se aberto, ou circunflexo, se fechado: *pónei* e *pônei*; *gónis* e *gônis*, *pénis* e *pênis*, *ténis* e *tênis*; *bónus* e *bônus*, *ónus* e *ônus*, *tónus* e *tônus*, *Vénus* e *Vênus*.

3.º) Não se acentuam graficamente os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tónica/tônica das palavras paroxítonas,³⁴ dado que existe oscilação em muitos

³² A razão de não se acentuar *carmens* (bem como *dolmens*, *edens*, *liquens*, *lumens* e também o plural das palavras paroxítonas terminadas em *-em*: *homens*, *nuvens*, *totens*, etc.) está no fato de as oxítonas com essa terminação serem acentuadas: *convéns*, *parabéns*, *vinténs*, etc.

³³ No *Acordo Ortográfico* de 1943, acentuavam-se as paroxítonas terminadas em *-u*, seguidas ou não de *s*. A nova regra parece ter desconsiderado que há oxítonas e paroxítonas terminadas em *-u* e que uma delas (preferencialmente as paroxítonas, pelo baixo emprego) deveria ser acentuada pela mesma razão que se manda acentuar as paroxítonas terminadas em *-i(s)* e *-us*. O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* registra: *adóxu*, *cuácu*, *cuicúru*, *déjà vécu*, *dóxu*, *hútu*, *índu*, *jamais-vécu*, *jiu-jitsu*, *jujútsu*, *Kuikúru*, *mábu*, *malfétu*, *mezúngu*, *muzúngu*, *ninjútsu*, *sampadjúdu*, *túlu*, todas com acento.

³⁴ O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* registra 1.038 vocábulos (ou formas verbais) com o acento ora suprimido. No entanto, formas paroxítonas como *esferóideo*, *esternocleidomastóideo*, *hialóideo*, *tiróideo*, *xifóideo*, etc. continuam com acento, por terminarem em ditongo. Há perto de 80 vocábulos como esses no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação: *assembleia, boleia, ideia*, tal como *aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia; coreico, epopeico, onomatopeico, proteico; alcaloide, apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (subst.), *Azoia, boia, boina, comboio* (subst.), tal como *comboio, comboias*, etc. (do verbo *comboair*), *dezoito, estroina, heroico, introito, jiboia, moina, paranoico, zoina*.

4.º) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, do tipo *amámos, louvámos*,³⁵ para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tónica/tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português.

5.º) Recebem acento circunflexo:

a) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tónica/tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-l, -n, -r* ou *-x*, assim como as respectivas formas do plural, algumas das quais se tornam proparoxítonas: *cônsul* (pl. *cônsules*), *pênsil* (pl. *pênséis*), *têxtil* (pl. *têxteis*); *cânon*, var. *cânone*, (pl. *cânones*), *plâncton* (pl. *plânctons*); *Almodôvar, aljôfar* (pl. *aljôfares*), *âmbar* (pl. *âmbares*), *Câncer, Tânger; bômbax* (sg. e pl.), *bômbix*, var. *bômbice*, (pl. *bômbices*).

b) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tónica/tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-ão(s), -eis, -i(s)* ou *-us*: *bênção(s), côvão(s), Estêvão, zângão(s); devêreis* (de *dever*), *escrevêsseis* (de *escrever*), *fôreis* (de *ser* e *ir*), *fôsseis* (id.), *pênséis* (pl. de *pênsil*), *têxteis* (pl. de *têxtil*); *dândi(s), Mênfis; ânus*.

c) As formas verbais *têm* e *vêm*, 3.^{as} pessoas do plural do presente do indicativo de *ter* e *vir*, que são foneticamente paroxítonas (respectivamente */tãjãj/*,³⁶ */vãjãj/* ou */têej/*, */vêej/* ou ainda */têjêj/*, */vêjêj/*; cf. as antigas grafias preteridas, *têem, vêem*), a fim de se distinguirem de *tem* e *vem*, 3.^{as} pessoas do singular do presente do indicativo ou 2.^{as} pessoas do singular do imperativo; e também as correspondentes formas compostas, tais como: *abstêm* (cf. *abstém*), *advêm* (cf. *advém*), *contêm* (cf. *contém*), *convêm* (cf. *convém*), *desconvêm* (cf. *desconvém*), *detêm* (cf. *detém*), *entretêm* (cf. *entretém*), *intervêm* (cf. *intervém*), *mantêm* (cf. *mantém*), *obtêm* (cf. *obtém*), *provêm* (cf. *provém*), *sobrevêm* (cf. *sobrevém*).

Obs.: Também neste caso são preteridas as antigas grafias *detêem, intervêem, mantêem, provêem*, etc.

6.º) Assinalam-se com acento circunflexo:

³⁵ O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* registra 13.011 verbos da primeira conjugação. Todos poderão ter acento na pessoa indicada na regra.

³⁶ Convencionou-se, nos meios linguísticos, que entre barras oblíquas se escrevem os fonemas; e entre colchetes, suas realizações (os fones).

a) Obrigatoriamente, *pôde* (3.^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo), que se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*).

b) Facultativamente, *dêmos* (1.^a pessoa do plural do presente do conjuntivo³⁷), para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo (*demos*); *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.^a pessoa do singular do imperativo do verbo *formar*).

7.º) Prescinde-se de acento circunflexo nas formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico/tônica oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo ou do conjuntivo, conforme os casos: *creem, deem* (conj.), *descreem, desdeem* (conj.), *leem, preveem, redeem* (conj.), *releem, reveem, tresleem, veem*.³⁸

8.º) Prescinde-se igualmente do acento circunflexo para assinalar a vogal tónica/tônica fechada com a grafia *o* em palavras paroxítonas como *enjoa*, substantivo e flexão de *enjoar*, *povoo*, flexão de *povoar*, *voa*, substantivo e flexão de *voar*, etc.³⁹

9.º) Prescinde-se, quer do acento agudo, quer do circunflexo, para distinguir palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tónica/tônica aberta ou fechada, são homógrafas de palavras proclíticas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (*á*), flexão de *parar*, e *para*, preposição; *pela(s)* (*é*), substantivo e flexão de *pelar*, e *pela(s)*, combinação de *per* e *la(s)*; *pelo* (*é*), flexão de *pelar*, *pelo(s)* (*ê*), substantivo ou combinação de *per* e *lo(s)*; *polo(s)* (*ó*), substantivo, e *polo(s)*, combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*; etc.

10.º) Prescinde-se igualmente de acento gráfico para distinguir paroxítonas homógrafas heterofónicas/heterofônicas do tipo *acerto* (*ê*), substantivo e *acerto* (*é*), flexão de *acertar*; *acordo* (*ô*), substantivo, e *acordo* (*ó*), flexão de *acordar*; *cerca* (*ê*), substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva *cerca de*, e *cerca* (*é*), flexão de *cercar*; *coro* (*ô*), substantivo, e *coro* (*ó*), flexão de *corar*; *deste* (*ê*), contracção da preposição *de* com o demonstrativo *este*, e *deste* (*é*), flexão de *dar*; *fora* (*ô*), flexão de *ser* e *ir*, e *fora* (*ó*), advérbio, interjeição e substantivo; *piloto* (*ô*), substantivo, e *piloto* (*ó*), flexão de *pilotar*,⁴⁰ etc.

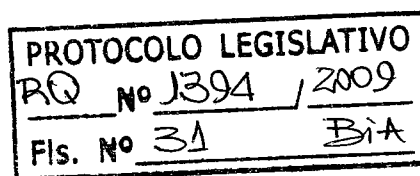
BASE X

³⁷ *Conjuntivo* é o modo verbal chamado de *subjuntivo* pela Nomenclatura Gramatical Brasileira.

³⁸ O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* registra 19 verbos com formas nessa situação. Todas perdem o acento.

³⁹ O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* registra 20 vocábulos e mais 264 formas verbais nessa situação. Todos perdem o acento.

⁴⁰ Deveria ser usado ponto-e-vírgula para manter a uniformidade de pontuação.



Da acentuação das vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas

- 1.º)** As vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas levam acento agudo quando antecedidas de uma vogal com que não formam ditongo e desde que não constituam sílaba com a eventual consoante seguinte, excetuando o caso de *s*: *adaís* (pl. de *adail*), *aí*, *atraí* (de *atrair*), *baú*, *caís* (de *cair*), *Esauí*, *Jacuí*, *Luís*, *país*, etc.; *alaúde*, *amiúde*, *Araújo*, *Ataíde*, *atraíam* (de *atrair*), *atrisse* (id.), *baía*, *balaústre*, *cafeína*, *ciúme*, *egoísmo*, *faísca*, *faúlha*, *graúdo*, *influíste* (de *influir*), *juízes*, *Luísa*, *miúdo*, *paraíso*, *raízes*, *recaída*, *ruína*, *saída*, *sanduíche*,⁴¹ etc.
- 2.º)** As vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas não levam acento agudo quando, antecedidas de vogal com que não formam ditongo, constituem sílaba com a consoante seguinte, como é o caso de *nh*,⁴² *l*, *m*, *n*, *r* e *z*: *bainha*, *moinho*, *rainha*; *adail*, *paul*, *Raul*; *Aboim*, *Coimbra*, *ruim*; *ainda*, *constituínte*, *oriundo*, *ruins*, *triunfo*; *atrair*, *demiurgo*, *influir*, *influímos*; *juiz*, *raiz*; etc.
- 3.º)** Em conformidade com as regras anteriores leva acento agudo a vogal tónica/tônica grafada *i* das formas oxítonas terminadas em *r* dos verbos em *-air* e *-uir*, quando estas se combinam com as formas pronominais clíticas *-lo(s)*, *-la(s)*, que levam à assimilação e perda daquele *r*: *atraí-lo(s)* (de *atrair-lo(s)*); *atraí-lo(s)-ia* (de *atrair-lo(s)-ia*); *possuí-la(s)* (de *possuir-la(s)*); *possuí-la(s)-ia* (de *possuir-la(s)-ia*).
- 4.º)** Prescinde-se do acento agudo nas vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando elas estão precedidas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *cauíla* (var. de *cauíra*), *cheiinho* (de *cheio*), *saiinha* (de *saía*).⁴³
- 5.º)** Levam, porém, acento agudo as vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* quando, precedidas de ditongo, pertencem a palavras oxítonas e estão em posição final ou seguidas de *s*: *Piauí*, *teiú*, *teiús*, *tuiuíú*, *tuiuíús*.
- Obs.:** Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais dispensam o acento agudo: *cauim*.
- 6.º)** Prescinde-se do acento agudo nos ditongos tónicos/tônicos grafados *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal: *distraiu*, *instruiu*, *pauís* (pl. de *pauí*).

⁴¹ Deveria ser usado ponto-e-vírgula para manter a uniformidade de pontuação.

⁴² Não existe caso de vogal que precede *nh* formar sílaba com esse dígrafo, como afirma a regra. Do jeito que a regra foi escrita, os exemplos *bainha*, *moinho*, *rainha* seriam dissílabos, com o *i* na sílaba do *nh* (*ba-inha*, *mo-inho*, *ra-inha*).

⁴³ Nessa regra, também deveria estar prevista a desnecessidade do acento do *i* tónico de vocábulo paroxítono quando precedido de outro *i*: *agiite*, *apiina*, *labiismo*, *miite*, *piina*, *quiina*, *tapiira*, *vadiice*, *xiiita*, etc. O mesmo se diga do *u*: *acuuba*, *bucuuba*, *buuno*, *cajuuna*, *juuna*, *paracuuba*, *sucuuba*, *sucuuva*, etc. É que nesse contexto não é possível a ocorrência de ditongo, o que desfaz a necessidade de acento. Os vocabulários oficiais e os dicionários já registram esses vocábulos sem acento.

7.º) Os verbos *arguir* e *redarguir* prescindem do acento agudo na vogal tónica/tônica grafada *u* nas formas rizotónicas/rizotônicas: *arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam*. Os verbos do tipo *aguar, apaniguar, apaziguar, aproximar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotónicas/rizotônicas igualmente acentuadas no *u* mas sem marca gráfica (a exemplo de *averiguo, averiguas, averigua, averiguam; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem, etc.; delinquo, delinquis, delinqui, delinquem; mas delinquimos, delinquis⁴⁴)* ou têm as formas rizotónicas/rizotônicas acentuadas fónica/fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais (a exemplo de *averíguo, averíguas, averígua, averíguam; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem; delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínqua, delínquam*).⁴⁵

Obs.: Em conexão com os casos acima referidos, registre-se⁴⁶ que os verbos em *-ingir* (*atingir, cingir, constringir, infringir, tingir, etc.*) e os verbos em *-inguir* sem prolação do *u* (*distinguir, extinguir, etc.*) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo, atinja, atinge, atingimos, etc.; distingo, distinga, distingue, distinguimos, etc.*).

BASE XI

Da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas

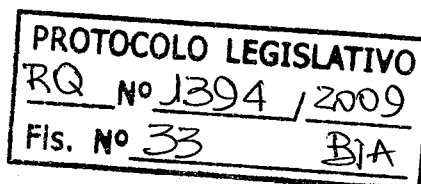
⁴⁴ No texto publicado pelo *Diário do Congresso Nacional*, de 21/4/1995, e no publicado pelo *Diário Oficial da União*, de 30/9/2008, *delinquis* está grafado com acento, provavelmente para mostrar oposição entre o *i* tônico e o *i* átono, semivogal, que aparece na 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*delinquis*). No texto do Acordo publicado pela Academia Brasileira de Letras no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Brasília: Imprensa Nacional, 1998), a forma *delinquis* está sem acento.

O Anexo II (Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa), ponto 5.4.4, explica que *arguí* (1.ª pessoa singular do pretérito perfeito do indicativo) recebe acento, porque, nesse caso, a sequência *ui* não forma ditongo. Entretanto, ao analisar a separação de sílabas (Base XX, 5.º), o Acordo dispõe que o *u* articulado, quando precedido de *g* ou *q*, forma ditongo crescente (veja também a Base XX, 4.º e 5.º). Logo, não deve haver acento em *argui*, nem em *delinquis*. No caso de *argui*, ter-se-á uma forma gráfica para duas formas fonológicas distintas: *argui* (3.ª pessoa do presente do indicativo, com acento tônico no *u*) e *argui* (1.ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, com acento tônico no *i*). Na ortografia de 1943, a distinção se fazia, respectivamente, assim: *argúi* (ele) e *argüi* (eu), dado que o *u* com trema era sempre átono.

⁴⁵ Levantamento feito no *Novo Dicionário Aurélio* (2004) revela que há cerca de 58 formas verbais em que havia acento tônico no *u*, como em *argui, averigue, enxague, etc.* Todas perdem o acento.

Por outro lado, pela regra 12.ª do item 43 do *Formulário Ortográfico* de 1943, não havia acento em formas como *apropínque, alongínques, delínquem, retorque* (com *u* pronunciado; havia o trema). Agora, essas formas perdem o trema e ganham acento (*apropínque, alongínques, delínquem, retórque*). São 16 formas nessa situação, algumas das quais já vêm acentuadas no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

⁴⁶ *Registrar* é forma variante de *registrar*. Essa, aliás, é a forma preferida no Brasil.



1.º) Levam acento agudo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tônica/tônica as vogais abertas grafadas *a, e, o* e ainda *i, u* ou ditongo oral começado por vogal aberta: *árabe, cáustico, Cleópatra, esqualido, exército, hidráulico, líquido, míope, músico, plástico, prosélito, público, rústico, tétrico, último;*

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam na sílaba tônica/tônica as vogais abertas grafadas *a, e, o* e ainda *i, u* ou ditongo oral começado por vogal aberta, e que terminam por sequências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes (*-ea, -eo, -ia, -ie, -io, oa, -ua, -uo, etc.*): *álea, náusea; etéreo, níveo; enciclopédia, glória; barbárie, série; lírio, prélio; mágoa, nódoa; exígua,⁴⁷ língua; exíguo, vácuo.*

2.º) Levam acento circunflexo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tônica/tônica vogal fechada ou ditongo com a vogal básica fechada: *anacreônico, brêtema, cânfora, cômputo, devêramos (de dever), dinâmico, êmbolo, excêntrico, fôssemos (de ser e ir), Grândola, hermenêutica, lâmpada, lôstrego, lôbrego, nêspêra, plêiade, sôfrego, sonâmbulo, trôpego;*

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam vogais fechadas na sílaba tônica/tônica, e terminam por sequências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes: *amêndoa, argênteo, côdea, Islândia, Mântua, serôdio.*

3.º) Levam acento agudo ou acento circunflexo as palavras proparoxítonas, reais ou aparentes, cujas vogais tônicas/tônicas grafadas *e* ou *o* estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas *m* ou *n*, conforme o seu timbre é, respetivamente, aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua: *académico/acadêmico, anatômico/anatômico, cénico/cênico, cómodo/cômodo, fenómeno/fenômeno, género/gênero, topónimo/topônimo; Amazónia/Amazônia, António/Antônio, blasfémia/blasfêmia, fémea/fêmea, gémeo/gêmeo, génio/gênio, ténue/tênue.*

**BASE XII
Do emprego do acento grave**

1.º) Emprega-se o acento grave:

a) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a+a*), *às* (de *a+as*);

⁴⁷ Em terminações como essa (*gua, gue, guo; qua, que, quo*), a tradição gramatical afirma existir ditongo. Este próprio Acordo não permite a separação silábica (Base XX, 4.º e 5.º).

b) Na contração da preposição *a* com os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com os compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*; *àqueloutro(s)*, *àqueloutra(s)*.

BASE XIII

Da supressão dos acentos em palavras derivadas

1.º) Nos advérbios em *-mente*, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *ingenuamente* (de *ingênuo*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *sô*), *unicamente* (de *único*), etc.; *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *dinamicamente* (de *dinâmico*), *espontaneamente* (de *espontâneo*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tónica/tônica com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avô*), *bebezito* (de *bebê*⁴⁸), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *chazeiro* (de *chá*), *heroizinho* (de *herói*), *ilheuzito* (de *ilhéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*), *vintenzito* (de *vintém*), etc.; *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

BASE XIV

Do trema

O trema, sinal de diérese, é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aportuguesadas. Nem sequer se emprega na poesia, mesmo que haja separação de duas vogais que normalmente formam ditongo: *saudade*, e não *saüdade*, ainda que tetrassílabo; *saudar*, e não *saüdar*, ainda que trissílabo; etc.

Em virtude dessa supressão, abstrai-se de sinal especial, quer para distinguir, em sílaba átona, um *i* ou um *u* de uma vogal da sílaba anterior, quer para distinguir, também em sílaba átona, um *i* ou um *u* de um ditongo precedente, quer para distinguir, em sílaba tónica/tônica ou átona, o *u* de *gu* ou de *qu* de um *e* ou *i* seguintes: *arruinar*, *constituíria*, *depoimento*, *esmiuçar*, *faiscar*, *faulhar*, *oleicultura*, *paraibano*, *reunião*; *abaiucado*, *aiuqui*, *caiuá*, *cauixi*, *piauiense*; *aguentar*, *anguiforme*, *arguir*, *bilíngue* (ou *bilingue*), *lingueta*, *linguista*, *linguístico*; *cinquenta*, *equestre*, *frequentar*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

⁴⁸ *Bebezito* também pode ser o diminutivo de *bebê*, forma preferida no Brasil, que continua aceita por este Acordo (Base VIII, 1.º, *a*, Obs.).

Obs.: Conserva-se, no entanto, o trema, de acordo com a Base I, 3.º, em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *hübneriano*, de *Hübner*, de *mülleriano*, de *Müller*,⁴⁹ etc.

BASE XV

Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares

1.º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *anoluz*, *arcebispo-bispo*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *médico-cirurgião*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *turma-piloto*; *alcaide-mor*, *amor-perfeito*, *guarda-noturno*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *porto-alegrense*, *sul-africano*; *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *luso-brasileiro*, *primeiro-ministro*, *primeiro-sargento*, *primo-infecção*,⁵⁰ *segunda-feira*; *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*.

Obs.: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol*, *madressilva*, *mandachuva*, *pontapé*, *paraquedas*, *paraquedista*, etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos topónimos/topônimos compostos, iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Grão-Pará*; *Abre-Campo*; *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Quebra-Dentes*, *Traga-Mouros*, *Trinca-Fortes*; *Albergaria-a-Velha*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

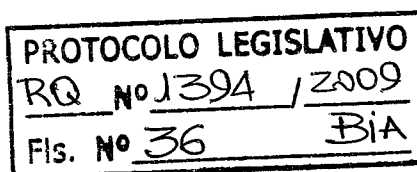
Obs.: Os outros topónimos/topônimos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem hífen: *América do Sul*, *Belo Horizonte*, *Cabo Verde*, *Castelo Branco*, *Freixo de Espada à Cinta*, etc. O topónimo/topônimo *Guiné-Bissau* é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

3.º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *couve-flor*, *erva-doce*, *feijão-verde*; *bênção-de-deus*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *fava-de-santo-inácio*; *bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à *margarida* e ao *malmequer*); *andorinha-grande*, *cobra-capelo*, *formiga-branca*; *andorinha-do-mar*, *cobra-d'água*, *lesma-de-conchinha*; *bem-te-vi* (nome de um pássaro).

4.º) Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios *bem* e *mal*, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por vogal ou *h*. No entanto, o advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Eis

⁴⁹ Para manter a uniformidade de pontuação, deveria ser usado ponto-e-vírgula.

⁵⁰ A forma *infecção*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).



alguns exemplos das várias situações: *bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado; mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado; bem-criado* (cf. *malcriado*), *bem-ditoso* (cf. *malditoso*), *bem-falante* (cf. *malfalante*), *bem-mandado* (cf. *malmandado*), *bem-nascido* (cf. *malnascido*), *bem-soante* (cf. *malsoante*), *bem-visto* (cf. *malvisto*).

Obs.: Em muitos compostos, o advérbio *bem* aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença*, etc.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos *além, aquém, recém* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, além-fronteiras; aquém-mar, aquém-Pirenéus*;⁵¹ *recém-casado, recém-nascido; sem-cerimônia, sem-número, sem-vergonha*.

6.º) Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia*, ao *deus-dará, à queima-roupa*). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

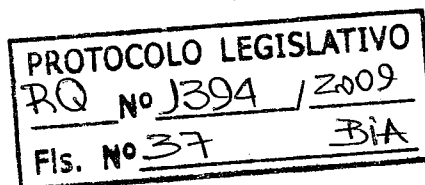
- a) Substantivas: *cão de guarda, fim de semana, sala de jantar;*
- b) Adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho;*
- c) Pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja;*
- d) Adverbiais: *à parte* (note-se o substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; note-se *demais*, advérbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã, em cima, por isso;*
- e) Prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, abaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a;*
- f) Conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.*

7.º) Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*), e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topónimos/topônimos (tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.).

BASE XVI

Do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

⁵¹ No Brasil, o ditongo de *Pireneus* é fechado e, portanto, sem acento (cf. Chapada dos Pireneus).



1.º) Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-,* etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina (tais como: *aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-,* etc.), só se emprega o hífen nos seguintes casos:⁵²

a) Nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico/anti-higiênico, circum-hospitalar, co-herdeiro, contra-harmónico/contra-harmônico, extra-humano, pré-história, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrómetro,⁵³ geo-história, neo-helénico/neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.*

Obs.: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos *des-* e *in-* e nas quais o segundo elemento perdeu o *h* inicial: *desumano, desumidificar; inábil, inumano,* etc.⁵⁴

⁵² O *Dicionário Aurélio Eletrônico* registra 108 prefixos e 1.070 radicais de origem grega, que entram na formação de vocábulos portugueses. Esses radicais, tradicionalmente, sempre prescindiram de hífen para se aglutinar a outros radicais (*carboidrato, decaidratado, eletrohidráulico, geoistória, ortoidrogênio, poliidroxilado,* etc.). Deveria ter continuado assim, pois não parece necessário ressuscitar o *h* para colcar hífen nesses vocábulos (*carbo-hidrato, deca-hidratado, eletro-hidráulico, geo-história, orto-hidrogênio, poli-hidroxilado,* etc.).

Quanto aos formados por prefixação, pelas regras ortográficas anteriores, havia 754 vocábulos grafados com hífen. Pelas regras do Acordo de 1990, cai o hífen de 509 vocábulos e é acrescentado hífen em 50, tomando por base o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

⁵³ Deveria ter aparecido também a forma *eletro-higrómetro*, para manter o paralelismo constantemente empregado neste Acordo, que mostra a dupla grafia entre a vogal tônica aberta e a fechada.

⁵⁴ Por conta dessa regra, tem sido divulgado que, com o prefixo *re-* + elemento iniciado por *e*, deve ser usado o hífen (*re-editar, re-eleição, re-escrever,* etc.). Esse raciocínio parte da não-citação desse prefixo na regra que manda deixar sem hífen os prefixos *des-* e *in-* diante de elemento que contenha *h*: *desumano, desumidificar; inábil, inumano;* etc.

Os editores do *Minidicionário da Língua Portuguesa* (FTD, 2007) e do *Minidicionário Luft* (Ática, 2008), inclusive, caíram nesse engano e grafaram com hífen o encontro *re-e...* Seus respectivos autores, o filólogo Francisco da Silveira Bueno (1898-1989) e o gramático Celso Pedro Luft (1921-1995), certamente não deixariam usar seu nome para esse pecado. A Editora Saraiva, com seu *Saraiva Júnior Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (2008) e com o *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa* (2008), cometeu o mesmo equívoco.

Os editores do *Miniaurélio: o Minidicionário da Língua Portuguesa* (Positivo, 2004, impresso em julho de 2008) usaram hífen no encontro *re-e* da 6.ª edição. Na 7.ª edição (impressa em novembro de 2008), redimiram-se do engano e tiraram o hífen dos 21 vocábulos que constam desse pequeno dicionário.

O Instituto Houaiss, porém, que reúne uma invejável equipe de especialistas, não se deixou levar por esse adorno inútil. Grafou sem hífen os vocábulos em que ocorre o prefixo *re-* no seu *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Objetiva, 2008). O *Michaelis: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (Melhoramentos: 2008) também grafou o encontro sem hífen.

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal⁵⁵ com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno.*

Obs.: Nas formações com o prefixo *co*, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por *o*: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar*, etc.⁵⁶

c) Nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além de *h*, caso já considerado atrás na alínea a): *circum-escolar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-mágico, pan-negritude.*

d) Nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-* e *super-*, quando combinados com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.*⁵⁷

e) Nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo-*: *ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-*

O certo é que esse hífen não foi aprovado pela nova ortografia. Deve-se escrever *reeditar, reeleição, reembolso, reencontro, reescrever*, etc. E as razões para isso são as seguintes:

a) Esse prefixo *re-* nunca foi escrito com hífen. No *Vocabulário Português e Latino*, do P.^e Rafael Bluteau (1721, vol. 7, p. 181), por exemplo, há cinco vocábulos iniciados com *ree-* (*reedificar, reeleger, reeleyção, reerguer* e *reespûma*), todos sem hífen. *Fonseca* (1771), *Morais Silva* (1813), *Domingos Vieira* (1874), *Lacerda* (1878), *Caldas Aulete* (1881), *Cândido de Figueiredo* (1899), *Gonçalves Viana* (1909), antes das normas ortográficas oficiais, nunca puseram hífen nessas formações. Nos dicionários e vocabulários editados de 1911 para cá, na vigência da ortografia oficial, também não há registro de hífen com o prefixo *re-*. Logo, a tradição ortográfica deve ser respeitada.

b) O uso do hífen, recurso da atualidade, é exceção. Deve ser usado com parcimônia.

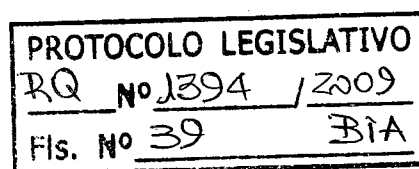
c) Deve-se respeitar o princípio da simplificação, norteador de todas as reformas ortográficas, iniciadas em Portugal em 1911 e no Brasil em 1931.

d) Uma interpretação sistêmica das demais normas do Acordo concluirá pela inexistência do hífen. As regras sobre o *h* inicial ajudam na correta interpretação, pois, quando o *h* passa para o interior do vocábulo, ele cai. Assim, deve-se escrever *reebraizar, reelenizar*, etc., tal como se escreve *reabilitar, reabitar, reaver, reidratar, reumanizar*, etc. Se se persistir nessa interpretação com hífen, ter-se-ia de escrever *re-ebraizar, re-elenizar*, o que fugiria a qualquer justificativa gramatical razoável.

⁵⁵ A expressão "*mesma vogal*", nesse contexto, deve ser entendida do ponto de vista gráfico apenas. Do contrário, o hífen de *eletro-ótica* não se justifica, pois, em *eletro*, a vogal final é fechada (reduzida, para a NGB), e, em *ótica*, a vogal inicial é aberta.

⁵⁶ O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1998), da Academia Brasileira de Letras, registra 99 vocábulos com a sequência *coo-*, sem hífen, e apenas dois com hífen (*co-oposição* e *co-opositor*). Há, por outro lado, hífen em 60 vocábulos com o radical iniciado pelas vogais *a*, *e* ou *i* e 127 com radical iniciado por consoante. Todos devem perder o hífen, como *coautor, copiloto, corresponsável, cosseno*, etc.

⁵⁷ Embora a regra não traga exceção, vocábulos como *interregno, interrogar, interromper, interruptor* não devem ganhar hífen, dado que o prefixo e o radical não mais se distinguem, devido ao processo de amalgamento.



presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei; sota-piloto, soto-mestre,⁵⁸ vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei.

f) Nas formações com os prefixos tónicos/tônicos acentuados graficamente *pós-, pré-* e *pró-* quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte): *pós-graduação, pós-tónico/pós-tônico (mas pospor); pré-escolar, pré-natal (mas prever); pró-africano, pró-europeu (mas promover).*

2.º) Não se emprega, pois, o hífen:

a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se, prática aliás já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico. Assim: *antirreligioso, antissemita, contrarregra, contrassenha, cosseno, extrarregular, infrassom, minissaia*, tal como *biorritmo, biossatélite, eletrossiderurgia, microssistema, microrradiografia.*

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta em geral já adotada também para os termos técnicos e científicos. Assim: *antiaéreo, coeducação, extraescolar; aeroespacial, autoestrada,⁵⁹ autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual.*

3.º) Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu* e *mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amomé-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*

BASE XVII

Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na tmese:⁶⁰ *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

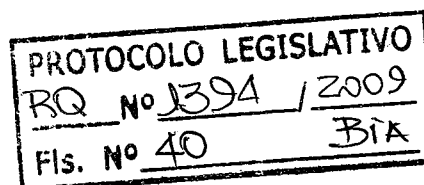
2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, há de, hão de*, etc.

Obs.: 1. Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*, estas últimas

⁵⁸ Deveria ser usado ponto-e-vírgula para manter a uniformidade de pontuação.

⁵⁹ Aqui, há equívoco. Em *autoestrada*, *auto-* não é prefixo; é forma reduzida de *automóveis* e, como tal, é que entra na formação de vários vocábulos da língua: *autoelétrica, autoestrada, automecânica, autopeças, autopista*, etc. Esses vocábulos são formados por recomposição e não por prefixação.

⁶⁰ *Tmese* é o nome de origem grega para o que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* manda chamar de *mesóclise*.



formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s)*, *requere-o(s)*. Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas.

2. Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me*, *ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo*, *vo-las*, quando em próclise (por ex.: *esperamos que no-lo comprem*).

BASE XVIII Do apóstrofo

1.º) São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo:

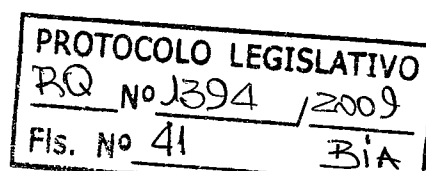
a) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respetiva⁶¹ pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d'Os Lusíadas*, *d'Os Sertões*; *n'Os Lusíadas*, *n'Os Sertões*; *pel'Os Lusíadas*, *pel'Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas*, *em Os Lusíadas*, *por Os Lusíadas*, etc.

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: *a A Relíquia*, *a Os Lusíadas* (exemplos: *importância atribuída a A Relíquia*; *recorro a Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à*, *a Os = aos*, etc.

b) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respetiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso de maiúscula: *d'Ele*, *n'Ele*, *d'Aquela*, *n'Aquela*, *d'O*, *n'O*, *pel'O*, *m'O*, *t'O*, *lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela*, *n'Ela*, *d'Aquela*, *n'Aquela*, *d'A*, *n'A*, *pel'A*, *m'A*, *t'A*, *lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *confiamos n'O que nos salvou*; *esse milagre revelou-m'O*; *está n'Ela a nossa esperança*; *pugnemos pel'A que é nossa padroeira*.

À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O*, *a Aquela*, *a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura fonética: *a O = ao*, *a Aquela = àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *a O que tudo pode*; *a Aquela que nos protege*.

⁶¹ A forma *respetiva*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *respectiva*, mas dá a pronúncia sem o *c*.



c) Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiolégio,⁶² quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana*, *Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana*, *Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago*, *Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste género,⁶³ como é o caso destas mesmas *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana*, *Ilhéu de Santana*, *Santana de Paraíba*; *Fulano de Santiago*, *ilha de Santiago*, *Santiago do Cacém*.

Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congéneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide o *o* final: *Nun'Álvares*, *Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana*, *Nuno Álvares*, *Pedro Álvares*, etc.

d) Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certos compostos, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d'água*, *cobra-d'água*, *copo-d'água*, *estrela-d'alva*, *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água*, *pau-d'alho*, *pau-d'arco*, *pau-d'óleo*.

2.º) São os seguintes os casos em que não se usa o apóstrofo:

Não é admissível o uso do apóstrofo nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais (excetuado o que se estabelece nas alíneas 1.º) a) e 1.º) b)). Tais combinações são representadas:

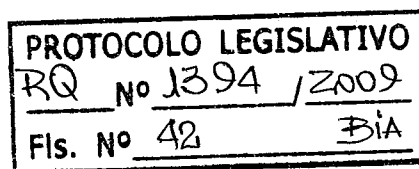
a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:

i) *do*, *da*, *dos*, *das*; *dele*, *dela*, *deles*, *delas*; *deste*, *desta*, *destes*, *destas*, *disto*; *desse*, *dessa*, *desses*, *dessas*, *disso*; *daquele*, *daquela*, *daqueles*, *daquelas*, *daquilo*; *destoutro*, *destoutra*, *destoutros*, *destoutras*; *dessoutro*, *dessoutra*, *dessoutros*, *dessoutras*; *daqueloutro*, *daqueloutra*, *daqueloutros*, *daqueloutras*; *daqui*; *daí*; *dali*; *dacolá*; *donde*; *dantes* (= *antigamente*);

ii) *no*, *na*, *nos*, *nas*; *nele*, *nela*, *neles*, *nelas*; *neste*, *nesta*, *nestes*, *nestas*, *nisto*; *nesse*, *nessa*, *nesses*, *nessas*, *nisso*; *naquele*, *naquela*, *naqueles*, *naquelas*, *naquilo*; *nestoutro*, *nestoutra*, *nestoutros*, *nestoutras*; *nessoutro*, *nessoutra*, *nessoutros*, *nessoutras*; *naqueloutro*, *naqueloutra*, *naqueloutra*, *naqueloutras*; *num*, *numa*, *nuns*, *numas*; *noutro*, *noutra*, *noutros*, *noutras*, *noutrem*; *nalgum*, *nalguma*, *nalguns*, *nalgumas*, *nalguém*.

⁶² *Hagiolégio*: estudo, tratado sobre a vida dos santos (do gr. *hagio* = "santo" + *logo* = "estudo", "tratado" + *io* = "reunião", "coleção").

⁶³ No Brasil, a forma preferida é com a vogal tônica fechada: *gênero*, conforme faculta a Base XI, 3.º.



b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um, de uma, de uns, de umas, ou dum, duma, duns, dumas; de algum, de alguma, de alguns, de algumas, de alguém, de algo, de algures, de alhures, ou dalgum, dalguma, dalguns, dalgumas, dalguém, dalgo, dalgures, dalhures; de outro, de outra, de outros, de outras, de outrem, de outrora, ou doutro, doutra, doutros, doutras, doutrem, doutrora; de aquém ou daquém; de além ou dalém; de entre ou dentre.*

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

Obs.: Quando a preposição *de* se combina com as formas articulares ou pronominais *o, a, os, as*, ou com quaisquer pronomes ou advérbios começados por vogal, mas acontece estarem essas palavras integradas em construções de infinitivo, não se emprega o apóstrofo, nem se funde a preposição com a forma imediata, escrevendo-se estas duas separadamente: *a fim de ele compreender, apesar de o não ter visto; em virtude de os nossos pais serem bondosos; o facto⁶⁴ de o conhecer; por causa de aqui estares.*

BASE XIX

Das minúsculas e maiúsculas

1.º) A letra minúscula inicial é usada:

a) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes.

b) Nos nomes dos dias, meses, estações do ano: *segunda-feira; outubro; primavera.*

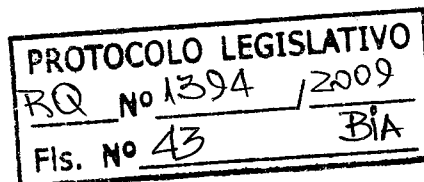
c) Nos bibliónimos/bibliônimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos,⁶⁵ podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo): *O Senhor do Paço de Ninães, O senhor do paço de Ninães, Menino de Engenho* ou *Menino de engenho, Árvore e Tambor* ou *Árvore e tambor.*

d) Nos usos de *fulano, sicrano, beltrano.*

e) Nos pontos cardeais (mas não nas suas abreviaturas): *norte, sul* (mas: *SW sudoeste*).

⁶⁴ A forma *fato*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

⁶⁵ Embora inconcebível, no texto do Acordo publicado pelo *Diário do Congresso Nacional*, de 21/4/1995, e no publicado pelo *Diário Oficial da União*, de 30/9/2008, aparece essa vírgula, separando o sujeito do predicado.



f) Nos axiônimos/axiônimos e hagiônimos/hagiônimos (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula): *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo; santa Filomena (ou Santa Filomena)*.

g) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (opcionalmente, também com maiúscula): *português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas)*.

2.º) A letra maiúscula inicial é usada:

a) Nos antropónimos/antropônimos, reais ou fictícios: *Pedro Marques, Branca de Neve, D. Quixote*.

b) Nos topónimos/topônimos, reais ou fictícios: *Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria*.

c) Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor; Neptuno/Netuno*.

d) Nos nomes que designam instituições: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*.

e) Nos nomes de festas e festividades: *Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos*.

f) Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *O Primeiro de Janeiro, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo)*.

g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte de Portugal, *Meio-Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático.

h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO, NATO, ONU; H₂O; Sr., V.Ex^a*.

i) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos (*rua* ou *Rua da Liberdade, largo* ou *Largo dos Leões*), de templos (*igreja* ou *Igreja do Bonfim, templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*), de edifícios (*palácio* ou *Palácio da Cultura, edifício* ou *Edifício Azevedo Cunha*).

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica, etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

BASE XX

PROTOCOLO LEGISLATIVO	
RQ No 1394	/ 2009
Fls. No 44	BIA

Da divisão silábica

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de, bru-ma, ca-cho, lha-no, ma-lha, ma-nha, má-xi-mo, ó-xi-do, ro-xo, tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos constitutivos dos vocábulos segundo a etimologia (*a-ba-li-e-nar, bi-sa-vô, de-sa-pa-re-cer, di-sú-ri-co, e-xâ-ni-me, hi-pe-ra-cús-ti-co, i-ná-bil, o-bo-val, su-bo-cu-lar, su-pe-rá-ci-do*), obedece a vários preceitos particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a partição de uma palavra:

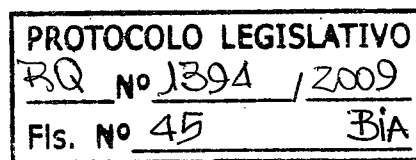
1.º) São indivisíveis no interior de palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente as sucessões de duas consoantes que constituem perfeitos grupos, ou sejam (com exceção apenas de vários compostos cujos prefixos terminam em *b*, ou *d*: *ab- legação, ad- ligar, sub- lunar, etc.*; em vez de *a- blegação, a- dligar, su- blunar, etc.*) aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma velar, uma dental ou uma labiodental e a segunda um *l* ou *r*: *a- blução, cele- brar, du- plicação, re- primir, a- clarar, de- creto, de- glutição, re- grado; a- tlético, cáte- dra, períme- tro; a- fluir, a- fricano, ne- vrose.*

2.º) São divisíveis no interior da palavra as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos e igualmente as sucessões de *m* ou *n*, com valor de nasalidade, e uma consoante: *ab- dicar, Ed- gardo, op- tar, sub- por, ab- soluto, ad- jetivo, af- ta, bet- samita, ip- silon, ob- viar, des- cer, dis- ciplina, flores- cer, nas- cer, res- cisão; ac- ne, ad- mirável, Daf- ne, diafrag- ma, drac- ma, ét- nico, rit- mo, sub- meter; am- nésico, interam- nense; bir- reme, cor- roer, pror- rogar; as- segurar, bis- secular, sos- segar; bissex- to, contex- to, ex- citar; atroz- mente, capaz- mente, infeliz- mente; am- bição, desen- ganhar, en- xame, man- chu, Mân- lio,⁶⁶ etc.*

3.º) As sucessões de mais de duas consoantes ou de *m* ou *n*, com o valor de nasalidade, e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois meios: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis (de acordo com o preceito 1.º), esse grupo forma sílaba para diante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a divisão dá-se sempre antes da última consoante. Exemplos dos dois casos: *cam- braia, ec- tlipse, em- blema, ex- plicar, in- cluir, ins- crição, subs- crever, trans- gredir; abs- tenção, disp- neia, inters- telar, lamb- dacismo, sols- ticial, Terp- sícore, tungs- tênio.*

4.º) As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai- roso, cadei- ra, insti- tui, ora- ção, sacris- tães, traves- sões*) podem, se a primeira delas não é *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais, separar-se na escrita: *ala- úde, áre- as, ca- apeba, co- ordenar, do- er, flu- idez, perdo- as, vo- os*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *cai- ais, cai- eis, ensai- os, flu- iu.*

⁶⁶ Para manter a uniformidade de pontuação, deveria ser usado ponto-e-vírgula.



5.º) Os digramas *gu* e *qu*, em que o *u* se não pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato (*ne- gue, ne- guei; pe- que, pe- quei*), do mesmo modo que as combinações *gu* e *qu* em que o *u* se pronuncia: *á- gua, ambí- guo, averi- gueis; longín- quos, lo- quaz, quais- quer*.

6.º) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex- -alferes, serená- -los-emos, senerá-los- -emos, vice- -almirante*.⁶⁷

BASE XXI **Das assinaturas e firmas**

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome.

Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público.

ANEXO II **NOTA EXPLICATIVA DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA** **(1990)**

1. Memória breve dos acordos ortográficos

A existência de duas ortografias oficiais de língua portuguesa, a lusitana e a brasileira, tem sido considerada como largamente prejudicial para a unidade intercontinental do português e para o seu prestígio no Mundo.

Tal situação remonta, como é sabido, a 1911, ano em que foi adoptada⁶⁸ em Portugal a primeira grande reforma ortográfica, mas que não foi extensiva ao Brasil.

Por iniciativa da Academia Brasileira de Letras, em consonância com a Academia das Ciências de Lisboa, com o objectivo⁶⁹ de se minimizarem os inconvenientes desta situação, foi aprovado em 1931 o primeiro acordo ortográfico entre Portugal e o Brasil. Todavia, por razões que não importa agora mencionar, este acordo não produziu, afinal, a tão desejada unificação dos dois sistemas ortográficos,

⁶⁷ Essa regra é casuística e só vem causar embaraços para os usuários, principalmente com a informatização dos textos, cada vez mais utilizada pela população.

⁶⁸ A forma *adotada*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

⁶⁹ A forma *objetivo*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *objectivo*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

facto⁷⁰ que levou mais tarde à convenção ortográfica de 1943. Perante as divergências persistentes nos Vocabulários entretanto publicados pelas duas Academias, que punham em evidência os poucos resultados práticos do acordo de 1943, realizou-se, em 1945, em Lisboa, novo encontro entre representantes daquelas duas agremiações, o qual conduziu à chamada Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945. Mais uma vez, porém, este acordo não produziu os almejados efeitos, já que ele foi adoptado em Portugal, mas não no Brasil.

Em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal, foram promulgadas leis que reduziram substancialmente as divergências ortográficas entre os dois países. Apesar destas louváveis iniciativas, continuavam a persistir, porém, divergências sérias entre os dois sistemas ortográficos.

No sentido de as reduzir, a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboraram em 1975 um novo projecto de acordo que não foi, no entanto, aprovado oficialmente por razões de ordem política, sobretudo vigentes em Portugal.

E é nesse contexto que surge o encontro do Rio de Janeiro, em Maio⁷¹ de 1986, e no qual se encontram, pela primeira vez na história da língua portuguesa, representantes não apenas de Portugal e do Brasil mas também dos cinco novos países africanos lusófonos entretanto emergidos da descolonização portuguesa.

O Acordo Ortográfico de 1986, conseguido na reunião do Rio de Janeiro, ficou, porém, inviabilizado pela reacção⁷² polémica contra ele movida sobretudo em Portugal.

2. Razões do fracasso dos acordos ortográficos

Perante o fracasso sucessivo dos acordos ortográficos entre Portugal e o Brasil, abrangendo o de 1986 também os países lusófonos de África, importa reflectir⁷³ seriamente sobre as razões de tal malogro.

Analisando sucintamente o conteúdo dos acordos de 1945 e de 1986, a conclusão que se colhe é a de que eles visavam impor uma unificação ortográfica absoluta.

⁷⁰ A forma *fato*, preferida no Brasil, continua, conforme já mencionado anteriormente, aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

⁷¹ No Brasil, a tradição ortográfica manda grafar o nome dos meses com inicial minúscula. Este novo Acordo também (Base XIX, 1.º, b). Não há, pois, razão para que apareça no texto deste Acordo *Maio*, com inicial maiúscula.

⁷² A forma *reação*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *reacção*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

⁷³ A forma *refletir*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *reflectir*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

Em termos quantitativos e com base em estudos desenvolvidos pela Academia das Ciências de Lisboa, com base num *corpus* de cerca de 110000 palavras, conclui-se que o Acordo de 1986 conseguia a unificação ortográfica de 99,5% do vocabulário geral da língua. Mas conseguia-a, sobretudo, à custa da simplificação drástica do sistema de acentuação gráfica, pela supressão dos acentos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas, o que não foi bem aceite por uma parte substancial da opinião pública portuguesa.

Também o acordo de 1945 propunha uma unificação ortográfica absoluta que rondava os 100% do vocabulário geral da língua. Mas tal unificação assentava em dois princípios que se revelaram inaceitáveis para os brasileiros:

a) Conservação das chamadas consoantes mudas ou não articuladas, o que correspondia a uma verdadeira restauração destas consoantes no Brasil, uma vez que elas tinham há muito sido abolidas.

b) Resolução das divergências de acentuação das vogais tónicas⁷⁴ *e* e *o*, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, das palavras proparoxítonas (ou esdrúxulas) no sentido da prática portuguesa, que consistia em as grafar com acento agudo e não circunflexo, conforme a prática brasileira.

Assim se procurava, pois, resolver a divergência de acentuação gráfica de palavras como *António* e *Antônio*, *cómodo* e *cômulo*, *género* e *gênero*, *oxigénio* e *oxigênio*, etc., em favor da generalização da acentuação com o diacrítico agudo. Esta solução estipulava, contra toda a tradição ortográfica portuguesa, que o acento agudo, nestes casos, apenas assinalava a tonicidade da vogal e não o seu timbre, visando assim resolver as diferenças de pronúncia daquelas mesmas vogais.

A inviabilização prática de tais soluções leva-nos à conclusão de que não é possível unificar por via administrativa divergências que assentam em claras diferenças de pronúncia, um dos critérios, aliás, em que se baseia o sistema ortográfico da língua portuguesa.

Nestas condições, há que procurar uma versão de unificação ortográfica que acautele mais o futuro do que o passado e que não receie sacrificar a simplificação também pretendida em 1986, em favor da máxima unidade possível. Com a emergência de cinco novos países lusófonos, os factores⁷⁵ de desagregação da unidade essencial da língua portuguesa far-se-ão sentir com mais acuidade e também no domínio ortográfico. Neste sentido importa, pois, consagrar uma versão de unificação ortográfica que fixe e delimite as diferenças actualmente⁷⁶ existentes e previna contra a desagregação ortográfica da língua portuguesa.

⁷⁴ Em Portugal, prefere-se essa forma: *tónico*, com acento agudo. No Brasil, prefere-se *tônico*, com acento circunflexo, igualmente aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

⁷⁵ A forma *fatores*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *factor*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

⁷⁶ A forma *atualmente*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *actualmente*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

Foi, pois, tendo presentes estes objectivos,⁷⁷ que se fixou o novo texto de unificação ortográfica, o qual representa uma versão menos forte do que as que foram conseguidas em 1945 e 1986. Mas ainda assim suficientemente forte para unificar ortograficamente cerca de 98% do vocabulário geral da língua.

3. Forma e substância do novo texto

O novo texto de unificação ortográfica agora proposto contém alterações de forma (ou estrutura) e de conteúdo, relativamente aos anteriores. Pode dizer-se, simplificando, que em termos de estrutura se aproxima mais do acordo de 1986, mas que em termos de conteúdo adopta⁷⁸ uma posição mais conforme com o projecto de 1975, atrás referido.

Em relação às alterações de conteúdo, elas afectam⁷⁹ sobretudo o caso das consoantes mudas ou não articuladas, o sistema de acentuação gráfica, especialmente das esdrúxulas, e a hifenação.

Pode dizer-se ainda que, no que respeita às alterações de conteúdo, de entre os princípios em que assenta a ortografia portuguesa, se privilegiou o critério fonético (ou da pronúncia) com um certo detrimento para o critério etimológico.

É o critério da pronúncia que determina, aliás, a supressão gráfica das consoantes mudas ou não articuladas, que se tem conservado na ortografia lusitana essencialmente por razões de ordem etimológica.

É também o critério da pronúncia que nos leva a manter um certo número de grafias duplas do tipo de *caráter* e *carácter*, *facto* e *fato*, *sumptuoso* e *suntuoso*, etc.

É ainda o critério da pronúncia que conduz à manutenção da dupla acentuação do tipo *económico* e *econômico*, *efémero* e *efêmero*, *género* e *gênero*, *génio* e *gênio*, ou de *bónus* e *bônus*, *sémen* e *sêmen*, *ténis* e *tênis*, ou ainda de *bebé* e *bebê*, ou *metro* e *metrô*, etc.

Explicitam-se em seguida as principais alterações introduzidas no novo texto de unificação ortográfica, assim como a respectiva justificação.

4. Conservação ou supressão das consoantes *c*, *p*, *b*, *g*, *m* e *t* em certas sequências consonânticas (Base IV)

4.1. Estado da questão

⁷⁷ A forma *objetivos*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *objetivo*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

⁷⁸ A forma *adota*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *adoptar*, mas dá a pronúncia sem o *p*.

⁷⁹ A forma *afetam*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *afectar*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

Como é sabido, uma das principais dificuldades na unificação da ortografia da língua portuguesa reside na solução a adoptar⁸⁰ para a grafia das consoantes *c* e *p*, em certas sequências consonânticas interiores, já que existem fortes divergências na sua articulação.

Assim, umas vezes, estas consoantes são invariavelmente proferidas em todo o espaço geográfico da língua portuguesa, conforme sucede em casos como *compacto, ficção, pacto; adepto, aptidão, núpcias; etc.*

Neste caso, não existe qualquer problema ortográfico, já que tais consoantes não podem deixar de grafar-se (v. Base IV, 1.º a).

Noutros casos, porém, dá-se a situação inversa da anterior, ou seja, tais consoantes não são proferidas em nenhuma pronúncia culta da língua, como acontece em *acção, afectivo, direcção; adopção, exacto, óptimo; etc.* Neste caso existe um problema. É que na norma gráfica brasileira há muito estas consoantes foram abolidas, ao contrário do que sucede na norma gráfica lusitana, em que tais consoantes se conservam. A solução que agora se adopta (v. Base IV, 1.º b) é a de as suprimir, por uma questão de coerência e de uniformização de critérios (vejam-se as razões de tal supressão adiante, em 4.2).

As palavras afectadas⁸¹ por tal supressão representam 0.54% do vocabulário geral da língua, o que é pouco significativo em termos quantitativos (pouco mais de 600 palavras em cerca de 110000). Este número é, no entanto, qualitativamente importante, já que compreende vocábulos de uso muito frequente (como, por ex.: *acção, actor, actual, colecção, colectivo, correcção, direcção, director, electricidade, factor, factura, inspector, lectivo, óptimo, etc.*)

O terceiro caso que se verifica relativamente às consoantes *c* e *p* diz respeito à oscilação de pronúncia, a qual ocorre umas vezes no interior da mesma norma culta (cf., por ex., *cacto* ou *cato, dicção* ou *dição, sector* ou *setor, etc.*), outras vezes entre normas cultas distintas (cf., por ex., *facto, receção* em Portugal, mas *fato, recepção* no Brasil).

A solução que se propõe para estes casos, no novo texto ortográfico, consagra a dupla grafia (v. Base IV, 1.º c).

A estes casos de grafia dupla devem acrescentar-se as poucas variantes do tipo *súbdito* e *súdito, subtil* e *sutil, amígdala* e *amídala, amnistia* e *anistia, aritmética* e *arimética*, nas quais a oscilação da pronúncia se verifica quanto às consoantes *b, g, m* e *t* (v. Base IV, 2.º).

O número de palavras abrangidas pela dupla grafia é de cerca de 0.5% do vocabulário geral da língua, o que é pouco significativo (ou seja, pouco mais de 575

⁸⁰ Como foi mencionado há pouco, a forma *adotar*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *adoptar*, mas dá sem a pronúncia do *P*.

⁸¹ A forma *afetadas*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *afectar*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

palavras em cerca de 110000), embora nele se incluam também alguns vocábulos de uso muito frequente.

4.2. Justificação da supressão de consoantes não articuladas (Base IV, 1.º b)

As razões que levaram à supressão das consoantes mudas ou não articuladas em palavras como *ação* (*acção*), *ativo* (*activo*), *diretor* (*director*), *ótimo* (*óptimo*) foram essencialmente as seguintes:

a) O argumento de que a manutenção de tais consoantes se justifica por motivos de origem etimológica, permitindo assinalar melhor a similaridade com as palavras congêneres das outras línguas românicas, não tem consistência. Por um lado, várias consoantes etimológicas se foram perdendo na evolução das palavras ao longo da história da língua portuguesa. Vários são, por outro lado, os exemplos de palavras deste tipo, pertencentes a diferentes línguas românicas, que, embora provenientes do mesmo étimo latino, revelam incongruências quanto à conservação ou não das referidas consoantes.

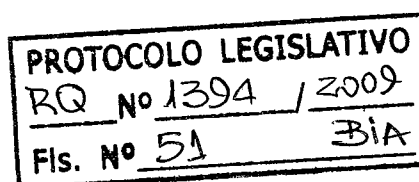
É o caso, por exemplo, da palavra *objecto*, proveniente do latim *objectu-*, que até agora conserva o *c*,⁸² ao contrário do que sucede em francês (cf. *objet*) ou em espanhol (cf. *objeto*). Do mesmo modo *projecto* (de *projectu-*) mantém até agora a grafia com *c*, tal como acontece em espanhol (cf. *proyecto*), mas não em francês (cf. *projet*). Nestes casos o italiano dobra a consoante, por assimilação (cf. *oggetto* e *progetto*). A palavra *vitória* há muito se grafa sem o *c*, apesar do espanhol *victoria*, do francês *victoire* ou do italiano *vittoria*. Muitos outros exemplos se poderiam citar. Aliás, não tem qualquer consistência a ideia de que a similaridade do português com as outras línguas românicas passa pela manutenção de consoantes etimológicas do tipo mencionado. Confrontem-se, por exemplo, formas como as seguintes: port. *acidente* (do lat. *accidente-*), esp. *accidente*, fr. *accident*, it. *accidente*; port. *dicionário* (do lat. *dictionariu-*), esp. *diccionario*, fr. *dictionnaire*, it. *dizionario*; port. *ditar*, (do lat. *dictare*), esp. *dictar*, fr. *dicter*, it. *dettare*; port. *estrutura* (de *structura-*), esp. *estructura*, fr. *structure*, it. *struttura*,⁸³ etc.

Em conclusão, as divergências entre as línguas românicas, neste domínio, são evidentes, o que não impede, aliás, o imediato reconhecimento da similaridade entre tais formas. Tais divergências levantam dificuldades à memorização da norma gráfica, na aprendizagem destas línguas, mas não é com certeza a manutenção de consoantes não articuladas em português que vai facilitar aquela tarefa.

b) A justificação de que as ditas consoantes mudas travam o fechamento da vogal precedente também é de fraco valor, já que, por um lado, se mantêm na

⁸² Essa afirmação é válida para a ortografia vigente em Portugal. No Brasil, *objeto* e *projeto* são grafados sem o *c*, o que, aliás, está previsto na Base IV, 1.º, *c*, deste Acordo.

⁸³ Para manter a uniformidade de pontuação, deveria ser usado ponto-e-vírgula.



língua palavras com vogal pré-tónica⁸⁴ aberta, sem a presença de qualquer sinal diacrítico, como em *corar, padeiro, oblação, pregar* (= fazer uma prédica), etc., e, por outro, a conservação de tais consoantes não impede a tendência para o ensurdecimento da vogal anterior em casos como *acionar, actual, actualidade, exactidão, tactear*, etc.

c) É indiscutível que a supressão deste tipo de consoante vem facilitar a aprendizagem da grafia das palavras em que elas ocorriam.

De facto,⁸⁵ como é que uma criança de 6-7 anos pode compreender que em palavras como *concepção, excepção, recepção*, a consoante não articulada é um *p*, ao passo que em vocábulos como *correção, direcção, objecção*, tal consoante é um *c*?

Só à custa de um enorme esforço de memorização que poderá ser vantajosamente canalizado para outras áreas da aprendizagem da língua.

d) A divergência de grafias existente neste domínio entre a norma lusitana, que teimosamente conserva consoantes que não se articulam em todo o domínio geográfico da língua portuguesa, e a norma brasileira, que há muito suprimiu tais consoantes, é incompreensível para os lusitanistas estrangeiros, nomeadamente para professores e estudantes de português, já que lhes cria dificuldades suplementares, nomeadamente na consulta dos dicionários, uma vez que as palavras em causa vêm em lugares diferentes da ordem alfabética, conforme apresentam ou não a consoante muda.

e) Uma outra razão, esta de natureza psicológica, embora nem por isso menos importante, consiste na convicção de que não haverá unificação ortográfica da língua portuguesa se tal disparidade não for resolvida.

f) Tal disparidade ortográfica só se pode resolver suprimindo da escrita as consoantes não articuladas, por uma questão de coerência, já que a pronúncia as ignora, e não tentando impor a sua grafia àqueles que há muito as não escrevem, justamente por elas não se pronunciarem.

4.3. Incongruências aparentes

A aplicação do princípio, baseado no critério da pronúncia, de que as consoantes *c* e *p* em certas sequências consonânticas se suprimem, quando não articuladas, conduz a algumas incongruências aparentes, conforme sucede em palavras como *apocalítico* ou *Egito* (sem o *p*, já que este não se pronuncia), a par de

⁸⁴ Em Portugal, prefere-se *pré-tónico*, com acento agudo. No Brasil, prefere-se *pretónico*, com acento circunflexo (igualmente aceita por este Acordo: Base XI, 3.º), e com vogal fechada no prefixo, o que faz o vocábulo ser grafado sem hífen.

⁸⁵ Essa é a forma preferida em Portugal. No Brasil, prefere-se *fato*, sem o *c*, também aceita por este Acordo, conforme Base IV, 1.º, *c*.

apocalipse ou *egípcio* (visto que aqui o *p* se articula), *noturno* (sem o *c*, por este ser mudo), ao lado de *noctívago* (com o *c* por este se pronunciar), etc.

Tal incongruência é apenas aparente. De facto,⁸⁶ baseando-se a conservação ou supressão daquelas consoantes no critério da pronúncia, o que não faria sentido era mantê-las, em certos casos, por razões de parentesco lexical. Se se abrisse tal excepção,⁸⁷ o utente, ao ter que escrever determinada palavra, teria que recordar previamente, para não cometer erros, se não haveria outros vocábulos da mesma família que se escrevessem com este tipo de consoante.

Aliás, divergências ortográficas do mesmo tipo das que agora se propõem foram já aceites nas Bases de 1945 (v. Base VI, último parágrafo), que consagraram grafias como *assunção* ao lado de *assumptivo*, *cativo*, a par de *captor* e *captura*, *dicionário*, mas *dicção*, etc. A razão então aduzida foi a de que tais palavras entraram e se fixaram na língua em condições diferentes. A justificação da grafia com base na pronúncia é tão nobre como aquela razão.

4.4. Casos de dupla grafia (Base IV, 1.º *c*, *d* e 2.º)

Sendo a pronúncia um dos critérios em que assenta a ortografia da língua portuguesa, é inevitável que se aceitem grafias duplas naqueles casos em que existem divergências de articulação quanto às referidas consoantes *c* e *p* e ainda em outros casos de menor significado. Torna-se, porém, praticamente impossível enunciar uma regra clara e abrangente dos casos em que há oscilação entre o emudecimento e a prolação daquelas consoantes, já que todas as sequências consonânticas enunciadas, qualquer que seja a vogal precedente, admitem as duas alternativas: *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *dicção* e *dição*, *facto* e *fato*, *sector* e *setor*; *ceptro* e *cetno*; *concepção* e *conceção*, *recepção* e *receção*; *assumpção* e *assunção*, *peremptório* e *perentório*, *sumptuoso* e *suntuoso*; etc.

De um modo geral pode dizer-se que, nestes casos, o emudecimento da consoante (excepto⁸⁸ em *dicção*, *facto*, *sumptuoso* e poucas mais) se verifica, sobretudo, em Portugal e nos países africanos, enquanto no Brasil há oscilação entre a prolação e o emudecimento da mesma consoante.

Também os outros casos de dupla grafia (já mencionados em 4.1.), do tipo *súbdito* e *súdito*, *subtil* e *sutil*, *amígdala* e *amídala*, *omnisciente* e *onisciente*, *aritmética* e *arimética*, muito menos relevantes em termos quantitativos do que os anteriores, se verificam sobretudo no Brasil.

⁸⁶ A forma *fato*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, *c*).

⁸⁷ A forma *exceção*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, *c*). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *excepção*, mas dá a pronúncia sem o *p*.

⁸⁸ A forma *exceto*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, *c*). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *excepto*, mas dá a pronúncia sem o *p*.

Trata-se, afinal, de formas divergentes, isto é, do mesmo étimo. As palavras sem consoante, mais antigas e introduzidas na língua por via popular, foram já usadas em Portugal e encontram-se nomeadamente em escritores dos séculos XVI e XVII.

Os dicionários da língua portuguesa, que passarão a registar⁸⁹ as duas formas, em todos os casos de dupla grafia, esclarecerão, tanto quanto possível, sobre o alcance geográfico e social desta oscilação de pronúncia.

5. Sistema de acentuação gráfica (Bases VIII a XIII)

5.1. Análise geral da questão

O sistema de acentuação gráfica do português actualmente⁹⁰ em vigor, extremamente complexo e minucioso, remonta essencialmente à Reforma Ortográfica de 1911.

Tal sistema não se limita, em geral, a assinalar apenas a tonicidade das vogais sobre as quais recaem os acentos gráficos, mas distingue também o timbre destas.

Tendo em conta as diferenças de pronúncia entre o português europeu e o do Brasil, era natural que surgissem divergências de acentuação gráfica entre as duas realizações da língua.

Tais divergências têm sido um obstáculo à unificação ortográfica do português.

É certo que em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal, foram dados alguns passos significativos no sentido da unificação da acentuação gráfica, como se disse atrás. Mas, mesmo assim, subsistem divergências importantes neste domínio, sobretudo no que respeita à acentuação das paroxítonas.

Não tendo tido viabilidade prática a solução fixada na Convenção Ortográfica de 1945, conforme já foi referido, duas soluções eram possíveis para se procurar resolver esta questão.

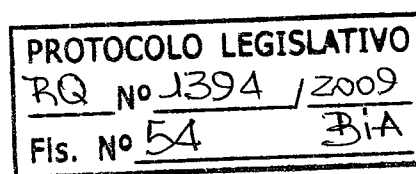
Uma era conservar a dupla acentuação gráfica, o que constituía sempre um espinho contra a unificação da ortografia.

Outra era abolir os acentos gráficos, solução adoptada⁹¹ em 1986, no Encontro do Rio de Janeiro.

⁸⁹ Conforme mencionado anteriormente, a forma *registar* é variante da forma *registrar*. No Brasil, observa-se nítida preferência por essa última.

⁹⁰ A forma *atualmente*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *actualmente*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

⁹¹ A forma *adotada*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).



Esta solução, já preconizada no I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, realizado em 1967 em Coimbra, tinha sobretudo a justificá-la o facto⁹² de a língua oral preceder a língua escrita, o que leva muitos utentes a não empregarem na prática os acentos gráficos, visto que não os consideram indispensáveis à leitura e compreensão dos textos escritos.

A abolição dos acentos gráficos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas, preconizada no Acordo de 1986, foi, porém, contestada por uma larga parte da opinião pública portuguesa, sobretudo por tal medida ir contra a tradição ortográfica e não tanto por estar contra a prática ortográfica.

A questão da acentuação gráfica tinha, pois, de ser repensada.

Nesse sentido, desenvolveram-se alguns estudos e fizeram-se vários levantamentos estatísticos com o objectivo⁹³ de se delimitarem melhor e quantificarem com precisão as divergências existentes nesta matéria.

5.2. Casos de dupla acentuação

5.2.1. Nas proparoxítonas (Base XI)

Verificou-se assim que as divergências, no que respeita às proparoxítonas, se circunscvem praticamente, como já foi destacado atrás, ao caso das vogais tónicas *e* e *o*, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, com as quais aquelas não formam sílaba (v. Base XI, 3.º).

Estas vogais soam abertas em Portugal e nos países africanos, por isso, acento agudo, mas são do timbre fechado em grande parte do Brasil, grafando-se por conseguinte com acento circunflexo: *académico/acadêmico*, *cómodo/cômodo*, *efémero/efêmero*, *fenómeno/fenômeno*, *génio/gênio*, *tónico/tônico*, etc.

Existe uma ou outra excepção⁹⁴ a esta regra, como, por exemplo, *cómoro* e *sêmola*, mas estes casos não são significativos.

Costuma, por vezes, referir-se que o *a* tónico⁹⁵ das proparoxítonas, quando seguido de *m* ou *n* com que não forma sílaba, também está sujeito à referida divergência de acentuação gráfica. Mas tal não acontece, porém, já que o seu timbre soa praticamente sempre fechado nas pronúncias cultas da língua, recebendo, por isso, acento circunflexo: *âmago*, *ânimo*, *botânico*, *câmara*, *dinâmico*, *gerânio*, *pânico*, *pirâmide*.

⁹² A forma *fato*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

⁹³ A forma *objetivo*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

⁹⁴ A forma *exceção*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

⁹⁵ *Tônico* é igualmente aceito (Base XI, 3.º).

As únicas exceções⁹⁶ a este princípio são os nomes próprios de origem grega *Dánae/Dânae* e *Dânao/Dânao*.

Note-se que se as vogais *e* e *o*, assim como *a*, formam sílaba com as consoantes *m* ou *n*, o seu timbre é sempre fechado em qualquer pronúncia culta da língua, recebendo, por isso, acento circunflexo: *êmbolo*, *amêndoa*, *argênteo*, *excêntrico*, *têmpera*; *anacreôntico*, *cômputo*, *recôndito*; *cânfora*, *Grândola*, *Islândia*, *lâmpada*, *sonâmbulo*, etc.

5.2.2. Nas paroxítonas (Base IX)

Também nos casos especiais de acentuação das paroxítonas ou graves (v. Base IX, 2.º), algumas palavras que contêm as vogais tónicas *e* e *o* em final de sílaba, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre, nas pronúncias cultas da língua.

Tais palavras são assinaladas com acento agudo, se o timbre da vogal tónica é aberto, ou com acento circunflexo, se o timbre é fechado: *fémur* ou *fêmur*, *Fénix* ou *Fênix*, *ónix* ou *ônix*, *sémen* ou *sêmen* e *xénon* ou *xênon*; *bónus* ou *bônus*, *ónus* ou *ônus*, *pónei* ou *pônei*, *ténis* ou *tênis*, *Vénus* ou *Vênus*; etc. No total, estes são pouco mais de uma dúzia de casos.

5.2.3. Nas oxítonas (Base VIII)

Encontramos igualmente nas oxítonas (v. Base VIII, 1.º, a, Obs.) algumas divergências de timbre em palavras terminadas em *e* tónico, sobretudo provenientes do francês. Se esta vogal tónica soa aberta, recebe acento agudo; se soa fechada, grafa-se com acento circunflexo. Também aqui os exemplos pouco ultrapassam as duas dezenas: *bebé* ou *bebê*, *caraté* ou *caratê*, *croché* ou *crochê*, *guiché* ou *guichê*, *matiné* ou *matinê*, *puré* ou *purê*, etc. Existe também um caso ou outro de oxítonas terminadas em *o* ora aberto ora fechado, como sucede em *cocó* ou *cocô*, *ró* ou *rô*.

A par de casos como este há formas oxítonas terminadas em *o* fechado, às quais se opõem variantes paroxítonas, como acontece em *judô* e *judo*, *metrô* e *metro*, mas tais casos são muito raros.

5.2.4. Avaliação estatística dos casos de dupla acentuação gráfica

Tendo em conta o levantamento estatístico que se fez na Academia das Ciências de Lisboa, com base no já referido *corpus* de cerca de 110000 palavras do vocabulário geral da língua, verificou-se que os citados casos de dupla acentuação gráfica abrangiam aproximadamente 1.27% (cerca de 1400 palavras⁹⁷).

⁹⁶ A forma *exceções*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

⁹⁷ O *Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa* registra cerca de 1.861 vocábulos nessa situação, num *corpus* de 228.500 itens lexicais.

Considerando que tais casos se encontram perfeitamente delimitados, como se referiu atrás, sendo assim possível enunciar a regra de aplicação, optou-se por fixar a dupla acentuação gráfica como a solução menos onerosa para a unificação ortográfica da língua portuguesa.

5.3. Razões da manutenção dos acentos gráficos nas proparoxítonas e paroxítonas

Resolvida a questão dos casos de dupla acentuação gráfica, como se disse atrás, já não tinha relevância o principal motivo que levou em 1986 a abolir os acentos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas.

Em favor da manutenção dos acentos gráficos nestes casos, ponderaram-se, pois, essencialmente as seguintes razões:

a) Pouca representatividade (cerca de 1.27%) dos casos de dupla acentuação.

b) Eventual influência da língua escrita sobre a língua oral, com a possibilidade de, sem acentos gráficos, se intensificar a tendência para a paroxítonia, ou seja, deslocação do acento tónico da antepenúltima para a penúltima sílaba, lugar mais frequente de colocação do acento tónico em português.

c) Dificuldade em apreender correctamente⁹⁸ a pronúncia de termos de âmbito técnico e científico, muitas vezes adquiridos através da língua escrita (leitura).

d) Dificuldades causadas, com a abolição dos acentos, à aprendizagem da língua, sobretudo quando esta se faz em condições precárias, como no caso dos países africanos, ou em situação de auto-aprendizagem.⁹⁹

e) Alargamento, com a abolição dos acentos gráficos, dos casos de homografia, do tipo de *análise(s)*¹⁰⁰/*analise(v.)*, *fábrica(s.)*/*fabrica(v.)*, *secretária(s.)*/*secretaria(s. ou v.)*, *vária(s.)*/*varia(v.)*, etc., casos em que apesar de dirimíveis pelo contexto sintáctico,¹⁰¹ levantariam por vezes algumas dúvidas e constituiriam sempre problema para o tratamento informatizado do léxico.

f) Dificuldade em determinar as regras de colocação do acento tónico em função da estrutura mórfica da palavra. Assim, as proparoxítonas, segundo os resultados estatísticos obtidos da análise de um *corpus* de 25000 palavras, constituem 12%. Destes 12%, cerca de 30% são falsas esdrúxulas (cf. *génio*, *água*,

⁹⁸ A forma *corretamente*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *correctamente*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

⁹⁹ O vocábulo deveria estar escrito sem hífen: *autoaprendizagem* (Base XVI, 2.º, b).

¹⁰⁰ No texto publicado pelo *Diário do Congresso Nacional*, de 21/4/1995, e no publicado pelo *Diário Oficial da União*, de 30/9/2008, está sem o ponto abreviativo.

¹⁰¹ A forma *sintático*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *sintáctico*, mas dá a pronúncia sem o *c* da sequência *ct*.

etc.).¹⁰² Dos 70% restantes, que são as verdadeiras proparoxítonas (cf. *cómodo*, *género*, etc.) aproximadamente 29% são palavras que terminam em *-ico/ -ica* (cf. *ártico*, *económico*, *módico*, *prático*, etc.). Os restantes 41% de verdadeiras esdrúxulas distribuem-se por cerca de duzentas terminações diferentes, em geral de carácter erudito (cf. *espírito*, *ínclito*, *púlpito*; *filólogo*; *filósofo*; *esófago*;¹⁰³ *epíteto*; *pássaro*; *pêsames*; *facílmo*; *lindíssimo*; *parêntesis*; etc.).

5.4. Supressão de acentos gráficos em certas palavras oxítonas e paroxítonas (Bases VIII, IX e X)

5.4.1. Em casos de homografia (Bases VIII, 3.º, e IX, 9.º e 10.º)

O novo texto ortográfico estabelece que deixem de se acentuar graficamente palavras do tipo *para* (*á*), flexão de *parar*, *pelo* (*é*), substantivo, *pelo* (*é*), flexão de *pelar*, etc., as quais são homógrafas, respectivamente, das proclíticas *para*, preposição, *pelo*, contracção¹⁰⁴ de *per* e *lo*, etc.

As razões por que se suprime, nestes casos, o acento gráfico são as seguintes:

a) Em primeiro lugar, por coerência com a abolição do acento gráfico já consagrada pelo Acordo de 1945, em Portugal, e pela Lei n. 5.765, de 1971.12.18, no Brasil, em casos semelhantes, como, por exemplo: *acerto* (*ê*), substantivo, e *acerto* (*é*), flexão de *acertar*; *acordo* (*ô*), substantivo, e *acordo* (*ó*), flexão de *acordar*; *cor* (*ô*), substantivo, e *cor* (*ó*), elemento da locução de *cor*; *sede* (*ê*) e *sede* (*é*), ambos substantivos; etc.

b) Em segundo lugar, porque, tratando-se de pares cujos elementos pertencem a classes gramaticais diferentes, o contexto sintáctico¹⁰⁵ permite distinguir claramente tais homógrafas.

5.4.2. Em paroxítonas com os ditongos *ei* e *oi* na sílaba tônica (Base IX, 3.º)

O novo texto ortográfico propõe que não se acentuem graficamente os ditongos *ei* e *oi* tónicos das palavras paroxítonas. Assim, palavras como *assembleia*, *boleia*, *ideia*, que na norma gráfica brasileira se escrevem com acento agudo, por o ditongo soar aberto, passarão a escrever-se sem acento, tal como *aldeia*, *baleia*, *cheia*, etc.

¹⁰² As formas *gênio*, *cômodo*, *gênero*, *econômico*, preferidas no Brasil, continuam aceitas por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹⁰³ No Brasil, a forma usual é *esôfago*, com a vogal da sílaba tônica fechada. Este Acordo não cuida dessa particularidade.

¹⁰⁴ A forma *contração*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *contracção*, mas dá a pronúncia sem o *c*.

¹⁰⁵ A forma *sintático*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).

Do mesmo modo, palavras como *comboio, dezoito, estroina, etc.*, em que o timbre do ditongo oscila entre a abertura e o fechamento, oscilação que se traduz na facultatividade do emprego do acento agudo no Brasil, passarão a grafar-se sem acento.

A generalização da supressão do acento nestes casos justifica-se não apenas por permitir eliminar uma diferença entre a prática ortográfica brasileira e a lusitana, mas ainda pelas seguintes razões:

a) Tal supressão é coerente com a já consagrada eliminação do acento em casos de homografia heterofónica¹⁰⁶ (v. Base IX, 10.º, e, neste texto atrás, 5.4.1), como sucede, por exemplo, em *acerto*, substantivo, e *acerto*, flexão de *acertar*, *acordo*, substantivo, e *acordo*, flexão de *acordar*, *fora*, flexão de *ser* e *ir*, e *fora*, advérbio, etc.

b) No sistema ortográfico português não se assinala, em geral, o timbre das vogais tónicas *a*, *e* e *o* das palavras paroxítonas, já que a língua portuguesa se caracteriza pela sua tendência para a paroxítonia. O sistema ortográfico não admite, pois, a distinção entre, por exemplo *cada* (*â*) e *fada* (*â*), *para* (*â*) e *tara* (*â*); *espelho* (*ê*) e *velho* (*ê*), *janela* (*ê*) e *janelo* (*ê*), *escrevera* (*ê*), flexão de *escrever*, e *Primavera* (*é*); *moda* (*ó*) e *toda* (*ó*), *virtuosa* (*ó*) e *virtuoso* (*ó*); etc.

Então, se não se torna necessário, nestes casos, distinguir pelo acento gráfico o timbre da vogal tónica, por que se há-de¹⁰⁷ usar o diacrítico para assinalar a abertura dos ditongos *ei* e *oi* nas paroxítonas, tendo em conta que o seu timbre nem sempre é uniforme e a presença do acento constituiria um elemento perturbador da unificação ortográfica?

5.4.3. Em paroxítonas do tipo de *abençoo, enjoo, voo* (Base IX, 8.º)

Por razões semelhantes às anteriores, o novo texto ortográfico consagra também a abolição do acento circunflexo, vigente no Brasil, em palavras paroxítonas como *abençoo*, flexão de *abençoar*, *enjoo*, substantivo e flexão de *enjoar*, *moa*, flexão de *moer*, *povoo*, flexão de *povoar*, *voo*, substantivo e flexão de *voar*, etc.

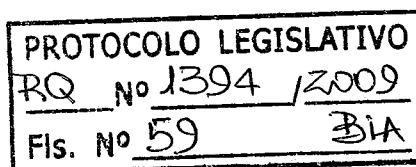
O uso do acento circunflexo não tem aqui qualquer razão de ser, já que ele ocorre em palavras paroxítonas cuja vogal tónica¹⁰⁸ apresenta a mesma pronúncia em todo o domínio da língua portuguesa. Além de não ter, pois, qualquer vantagem nem justificação, constitui um factor¹⁰⁹ que perturba a unificação do sistema ortográfico.

¹⁰⁶ A forma *heterofónico*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹⁰⁷ O uso do hífen nessa sequência contraria a regra contida na Base XVII, 2.º. Deve ter sido um cochilo de revisão.

¹⁰⁸ A forma *tónico*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹⁰⁹ A forma *fator*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c).



5.4.4. Em formas verbais com *u*¹¹⁰ e *ui* tónicos, precedidos de *g* e *q* (Base X, 7.º)

Não há justificação para se acentuarem graficamente palavras como *apazigue*, *arguem*, etc., já que estas formas verbais são paroxítonas e a vogal *u* é sempre articulada, qualquer que seja a flexão do verbo respectivo.

No caso de formas verbais como *argui*, *delinquis*, etc., também não há justificação para o acento, pois se trata de oxítonas terminadas no ditongo tónico¹¹¹ *ui*, que como tal nunca é acentuado graficamente.

Tais formas só serão acentuadas se a sequência *ui* não formar ditongo e a vogal tónica for *i*, como, por exemplo, *argui*¹¹² (1.º pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

6. Emprego do hífen (Bases XV a XVII)

6.1. Estado da questão

No que se respeita ao emprego do hífen, não há propriamente divergências assumidas entre a norma ortográfica lusitana e a brasileira.

Ao compulsarmos, porém, os dicionários portugueses e brasileiros e ao lermos, por exemplo, jornais e revistas, deparam-se-nos muitas oscilações e um largo número de formações vocabulares com grafia dupla, ou seja, com hífen e sem hífen, o que aumenta desmesurada e desnecessariamente as entradas lexicais dos dicionários. Estas oscilações verificam-se sobretudo nas formações por prefixação e na chamada recomposição, ou seja, em formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina.

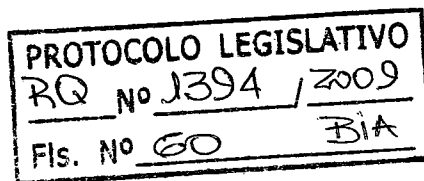
Eis alguns exemplos de tais oscilações: *ante-rosto* e *anterrosto*, *co-educação* e *coeducação*, *pré-frontal* e *prefrontal*, *sobre-saia* e *sobressaia*, *sobre-saltar* e *sobressaltar*; *aero-espacial* e *aeroespacial*, *auto-aprendizagem* e *autoaprendizagem*, *agro-industrial* e *agroindustrial*, *agro-pecuária* e *agropecuária*, *alvéolo-dental* e *alveolodental*, *bolbo-raquidiano* e *bolborraquidiano*, *geo-história* e *geoistória*, *micro-onda* e *microonda*; etc.

¹¹⁰ Provavelmente o texto deve estar se referindo à sequência vocálica *ue*, pois é dela que trata a Base X, 7.º.

¹¹¹ A forma *tônico*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹¹² No *Formulário Ortográfico* de 1943, essa forma (1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) não levava acento gráfico. A que levava acento era aquela em que o *u* fosse tónico (cf. *argúi*, *argúis*, *argúem*). É de se acrescentar também, conforme já ficou exposto em nota de rodapé anterior, que não há regra explícita que mande acentuar o *i* tónico de formas como *argui* (eu), *delinquis* (vós), com *u* átono, pretónico, já que aqui não há hiato, segundo o próprio Acordo (Base XX, 4.º e 5.º).

A afirmação contida na explicação de que a sequência vocálica não forma ditongo nesse caso contraria a regra da Base XX, 4.º e 5.º.



Estas oscilações são, sem dúvida, devidas a uma certa ambiguidade e falta de sistematização das regras que sobre esta matéria foram consagradas no texto de 1945. Tornava-se, pois, necessário reformular tais regras de modo mais claro, sistemático e simples. Foi o que se tentou fazer em 1986.

A simplificação e redução operadas nessa altura, nem sempre bem compreendidas, provocaram igualmente polémica¹¹³ na opinião pública portuguesa, não tanto por uma ou outra incongruência resultante da aplicação das novas regras, mas sobretudo por alterarem bastante a prática ortográfica neste domínio.

A posição que agora se adopta,¹¹⁴ muito embora tenha tido em conta as críticas fundamentadas ao texto de 1986, resulta, sobretudo, do estudo do uso do hífen nos dicionários portugueses e brasileiros, assim como em jornais e revistas.

6.2. O hífen nos compostos (Base XV)

Sintetizando, pode dizer-se que, quanto ao emprego do hífen nos compostos, locuções e encadeamentos vocabulares, se mantém o que foi estatuído em 1945, apenas se reformulando as regras de modo mais claro, sucinto e simples.

De facto, neste domínio não se verificam praticamente divergências nem nos dicionários nem na imprensa escrita.

6.3. O hífen nas formas derivadas (Base XVI)

Quanto ao emprego do hífen nas formações por prefixação e também por recomposição, isto é, nas formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina, apresenta-se alguma inovação. Assim, algumas regras são formuladas em termos contextuais, como sucede nos seguintes casos:

a) Emprega-se o hífen quando o segundo elemento da formação começa por *h* ou pela mesma vogal ou consoante com que termina o prefixo ou pseudoprefixo (por ex.: *anti-higiénico*,¹¹⁵ *contra-almirante*, *hiper-resistente*).

b) Emprega-se o hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em *m* e o segundo elemento começa por vogal *m* ou *n*¹¹⁶ (por ex.: *circum-murado*, *pan-africano*).

¹¹³ A forma *polémica*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹¹⁴ A forma *adota*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *adoptar*, mas dá a pronúncia sem o *p*.

¹¹⁵ A forma *anti-higiênico*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹¹⁶ Houve aqui uma generalização não contemplada no Acordo, pois apenas o prefixo *circum-* e *pan-* estão abrangidos pela regra. Outros prefixos ou elementos de composição terminados em *-m* (*além-*, *aquém-*, *recém-* e *sem-*) separam-se por hífen do radical (*além-túmulo*, *aquém-mar*, *recém-chegado*, *sem-terra*).

As restantes regras são formuladas em termos de unidades lexicais, como acontece com oito delas (*ex-*,¹¹⁷ *sota-* e *soto-*, *vice-* e *vizo-*; *pós-*, *pré-* e *pró-*).

Noutros casos, porém, uniformiza-se o não emprego do hífen, do modo seguinte:

a) Nos casos em que o prefixo ou o pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, estas consoantes dobram-se, como já acontece com os termos técnicos e científicos (por ex.: *antirreligioso*, *microsistema*).

b) Nos casos em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente daquela, as duas formas aglutinam-se, sem hífen, como já sucede igualmente no vocabulário científico e técnico (por ex.: *antiaéreo*, *aeroespacial*).

6.4. O hífen na ênclise e tmese (Base XVII)

Quanto ao emprego do hífen na ênclise e na tmese mantêm-se as regras de 1945, excepto¹¹⁸ no caso das formas *hei de*, *hás de*, *há de*, etc., em que passa a suprimir-se o hífen. Nestas formas verbais o uso do hífen não tem justificação, já que a preposição *de* funciona ali como mero elemento de ligação ao infinitivo com que se forma a perífrase verbal (cf. *hei de ler*, etc.), na qual *de* é mais proclítica do que apoclítica.

7. Outras alterações de conteúdo

7.1. Inserção do alfabeto (Base I)

Uma inovação que o novo texto de unificação ortográfica apresenta, logo na Base I, é a inclusão do alfabeto, acompanhado das designações que usualmente são dadas às diferentes letras. No alfabeto português passam a incluir-se também as letras *k*, *w* e *y*, pelas seguintes razões:

a) Os dicionários da língua portuguesa já registam¹¹⁹ estas letras, pois existe um razoável número de palavras do léxico português iniciado por elas.

b) Na aprendizagem do alfabeto é necessário fixar qual a ordem que aquelas letras ocupam.

c) Nos países africanos de língua oficial portuguesa existem muitas palavras que se escrevem com aquelas letras.

Apesar da inclusão no alfabeto das letras *k*, *w* e *y*, mantiveram-se, no entanto, as regras já fixadas anteriormente, quanto ao seu uso restritivo, pois

¹¹⁷ Para manter a uniformidade de pontuação, deveria ter sido empregado ponto-e-vírgula.

¹¹⁸ A forma *exceto*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º, c). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa grafa *excepto*, mas dá a pronúncia sem o *p*.

¹¹⁹ A forma *registam* é variante de *registram*.

existem outros grafemas com o mesmo valor fónico¹²⁰ daquelas. Se, de facto,¹²¹ se abolisse o uso restritivo daquelas letras, introduzir-se-ia no sistema ortográfico do português mais um factor¹²² de perturbação, ou seja, a possibilidade de representar, indiscriminadamente, por aquelas letras fonemas que já são transcritos por outras.

7.2. Abolição do trema (Base XIV)

No Brasil, só com a Lei n. 5765, de 1971.12.18, o emprego do trema foi largamente restringido, ficando apenas reservado às sequências *gu* e *qu* seguidas de *e* ou *i*, nas quais *u* se pronuncia (cf. *aguentar*, *arguente*, *eloquente*, *equestre*, etc.).

O novo texto ortográfico propõe a supressão completa do trema, já acolhida, aliás, no Acordo de 1986, embora não figurasse explicitamente nas respectivas bases. A única ressalva, neste aspecto, diz respeito a palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros com trema (cf. *mülleriano*, de *Müller*, etc.).

Generalizar a supressão do trema é eliminar mais um factor que perturba a unificação da ortografia portuguesa.

8. Estrutura e ortografia do novo texto

Na organização do novo texto de unificação ortográfica optou-se por conservar o modelo de estrutura já adoptado¹²³ em 1986. Assim, houve a preocupação de reunir, numa mesma base, matéria afim, dispersa por diferentes bases de textos anteriores, donde resultou a redução destas a vinte uma.

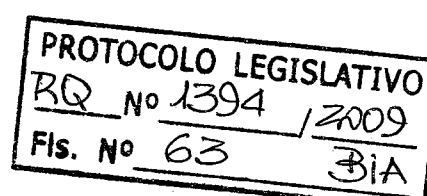
Através de um título sucinto, que antecede cada base, dá-se conta do conteúdo nela consagrado. Dentro de cada base adoptou-se um sistema de numeração (tradicional) que permite uma melhor e mais clara arrumação da matéria aí contida.

¹²⁰ A forma *fônico*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base XI, 3.º).

¹²¹ A forma *fato*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º c).

¹²² A forma *fator*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º c).

¹²³ A forma *adotado*, preferida no Brasil, continua aceita por este Acordo (Base IV, 1.º c).

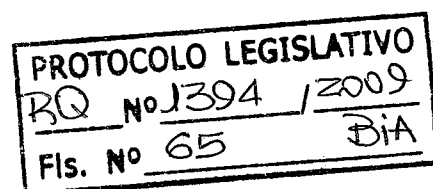


OBRAS DE REFERÊNCIA¹²⁴

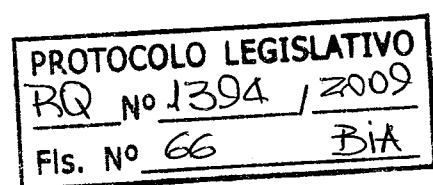
- ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Aurora, s/d.
- ALI, M. Said. *Grammatica Secundaria da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1928.
- ALMEIDA, João Camilo de. *O Latim nos Ginásios*. 11.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*. 16.ed. São Paulo: Saraiva, 1980.
- . *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 35.ed. São Paulo: Saraiva, 1988.
- . *Dicionário de Questões Vernáculas*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1996.
- ALVES, Manuel dos Santos. *Prontuário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Francisco Franco, s/d.
- AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. 18.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de. *Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina*. 2.^a impressão. Lisboa: Oficina da Musica, 1725.
- ARTUR, A. M.; LOURO, A. Dias. *História de Portugal*. 8.ed. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1924.
- ASSUNÇÃO, Mota. *Origens e Ortografia da Língua Brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1933.
- AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Diccionario Contemporaneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.
- . *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5 voll.
- BARBOSA, Agostinho. *Dictionarium Lusitanico Latinum*. Paris: Typis & Expensis Fructuosi Laurentij de Basto, 1611.
- BARBOSA, Jeronimo Soares. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Principios de Grammatica Geral Aplicados à Nossa Linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1822.
- BARRETO, João Franco. *Ortografia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1671.
- BARROS, João de. *Grammatica da Língua Portuguesa*. Olyssipone: Lodovicum Rotorigiu Typographum, 1540.
- BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario Etymológico, Prosódico e Ortográfico da Língua Portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Livraria Editora, 1928.
- BLUTEAU, P.^e Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 10 voll.
- BRASIL. Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário Oficial*. Rio de Janeiro: Gráfica Sauer, 1933.
- . *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- . *Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- . *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

¹²⁴ Nem todas as obras dessa lista estão citadas nas notas explicativas. Entretanto, é delas que se extraem os fundamentos das afirmações feitas nas notas de rodapé.

- _____. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1998.
- _____. Ministério das Relações Exteriores. *Atos da Conferência Interacadêmica de Lisboa para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Diário Oficial, de 11/5/1959. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959.
- _____. Congresso Nacional. *Diário do Congresso Nacional*, de 21 de abril de 1995. Brasília: Mesa do Senado Federal, 1995.
- _____. Governo Federal. *Diário Oficial da União*, de 20 de setembro de 2008. Brasília: Imprensa Nacional, 2008.
- BRUNSWICH, H. *Diccionario da Antiga Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Empresa Lusitana Editora, 1910.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1953.
- _____. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1965. 8 voll.
- _____. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: FTD, 2007.
- _____. *Vocabulário Tupi-Guarani Portugêses*. 6.ed. São Paulo: Vidalivros, 2008.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalho. *Gramáticos Portugueses do Século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CARMELO, Fr. Luiz de Monte. *Compendio de Orthografia*. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.
- CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel. *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: João Sá da Costa, 1987.
- COELHO, Adolpho. *A Língua Portuguesa: Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1968.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARIA, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*. 2.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *As Concepções Lingüísticas no Século XVIII: a Gramática Portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa para Uso do Excellentissimo Duque de Lafoens*. Lisboa. Officina de Miguel Rodrigues, 1734.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso; TELES, Iara Maria. *Gramática do Brasileiro*. São Paulo: Globo, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Nôvo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.
- _____. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004. Versão 5.0. 1 CD-ROM. Windows 98, 2000 ou XP.



- _____. *Miniaurélio: o Minidicionário da Língua Portuguesa*. 6.ed. Curitiba: Positivo, 2004 (13.^a impressão de julho de 2008).
- _____. *Miniaurélio: o Minidicionário da Língua Portuguesa*. 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008 (impresso de novembro de 2008).
- FIGUEIREDO, Cândido de. *A Ortografia no Brasil (a Propósito da Reforma Ortográfica Votada pela Academia Brasileira), História e Crítica*. Lisboa: Clássica, 1908.
- _____. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Portugal-Brasil, 1922.
- _____. *Lições Práticas da Língua Portuguesa*. 8.ed. Lisboa: Clássica, 1944. 3 voll.
- _____. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 12.ed. Rio de Janeiro: W.M. Jacson, 1949.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. *O Português entre as Línguas do Mundo*. Coimbra: Almeida, 1985.
- FONSECA, Pedro José. *Diccionario Portuguez, e Latino*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1771.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Regras que Ensinam a Maneira de Escreuer a Orthographia da Língua Portuguesa: com hum Dialogo que Adiante se Segue em Defensam da Mesma Língua*. Lisboa: Officina de Antonio Gonsaluez, 1574.
- GÓES, Carlos. *Método de Análise*. 21.ed. São Paulo: Francisco Alves, 1956.
- GRIVET, Charles Adrien. *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1881.
- GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. *Pontos de Gramática Histórica Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1937.
- HIGOUNET, Charles. *História Concisa da Escrita*. Trad. Marcos Marcionilo. 10.ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- HORTA, Brant. *Noções de Gramática Histórica da Língua Nacional*. 3.ed. Rio de Janeiro: Saber e Poder, 1940.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM. Windows 95, 98, ME, 2000, NT e XP.
- _____. *A Nova Ortografia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1991.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (integralmente adaptado à Reforma Ortográfica). 3.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3ed. São Paulo: Ática, 2000.
- KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LACERDA, José Maria de Almeida e Araujo Corrêa. *Diccionario Encyclopedico ou Novo Diccionario da Lingua Portugueza para Uso dos Portuguezes e Brasileiros*. Lisboa: Escriptorio de Francisco Arthur da Silva, 1879.
- LEÃO, Duarte Nunes de. *Orthographia da Lingoa Portuguesa*. Lisboa: João de Barreira, 1576.
- _____. *Leis Extravagantes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, edição fac-simile de 1569.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 21.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- LOBATO, António José dos Reis. *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770 (Disponível em <http://purl.pt/196>).



- LORENZ, Francisco Valdomiro. *Iniciação Linguística*. São Paulo: Empresa Typographica Editora "O Pensamento", 1929.
- LUFT, Celso Pedro. *Novo Manual de Português*. 9.ed. São Paulo: Globo, 1990.
- . *Moderna Gramática Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Globo, 2002.
- . *Minidicionário Luft*. 21.ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MACEDO, Walmírio. *Vocabulário Ortográfico Oficial*. Rio de Janeiro: Lux, 1964.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica Descriptiva*. 8.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6.ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- Michaelis: *Dicionário Escolar Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Academia, 1955.
- . *Dicionário de Dúvidas e Dificuldades do Idioma Nacional*. 3.ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.
- NUNES, José Joaquim. *Crestomatia Arcaica*. 3.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.
- . *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 3.ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1945.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Edição fac-similada (1540). Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Expositiva, Curso Superior*. 17.ed. São Paulo: Cia Graphico-Editora, 1925.
- . *Grammatica Historica*. 10.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937.
- PEREIRA, Manuel da Cunha. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Vermelho dos Telefones, 1953.
- PORTUGAL. Academia das Ciências de Lisboa. Direcção Geral da Instrução Secundária Superior e Especial *Bases para a Unificação da Ortografia que Deve Ser Adoptada nas Escolas e Publicações Officiais*. Relatório da Comissão. Ministério do Interior. Lisboa: Imprensa Nacional, 1911.
- . Academia das Ciências de Lisboa. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1940.
- . Ministério da Educação Nacional. *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1967.
- . Fundação Calouste Gulbenkian. *Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V*. Ed. fac-simile de 1792. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- . *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Braga: Verbo, 2001. 2 voll.
- REIS, Francisco Sotero dos. *Grammatica Portugueza*. São Luís: Typ. de B. de Mattos, 1866.
- RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 22.ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1933.
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portugueza*. 2.ed. São Paulo: Teixeria & Irmão, 1885.
- . *Grammatica Portugueza*. 8.ed. São Paulo: Francisco Alves, 1909.
- SANTOS, Agenor Soares dos. *Dicionário de Anglicismos e de Palavras Inglesas Correntes em Português*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

Saraiva Júnior *Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (conforme a Nova Ortografia). 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Ed. facsimilada da de 1813, feita em Lisboa pela Typographia Lacerdina. Rio de Janeiro: Oficinas da S.A. Litho-Typographia Fluminense, 1922. Edição comemorativa do primeiro centenário da Independência do Brasil. 2 voll.

SILVA JUNIOR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Grammatica Portuguesa*. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1887.

SILVA JUNIOR, Pacheco da. *Grammatica Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Typ. a Vapor D.M. Hazlett, 1878.

SILVA NETO, Serafim. *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

—————. *Fontes do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

—————. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

SOARES, José Carlos de Macedo. *O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Ortografia*. Rio de Janeiro, 1941.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. 3.ed. Porto: Marânus, 1945.

TUFANO, Douglas. *Estudos de Redação*. São Paulo: Moderna, 1990.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Dinalivro, s/d.

VERA, Álvaro Ferreira de. *Orthographia ou Modo para Escrever Certo na Lingua Portuguesa*. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631.

VIANA, A. R. Gonçalves. *Bases da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885.

—————. *Proposta para a Fixação da Acentuação Gráfica Portuguesa Apresentada à Comissão Asiática*. Lisboa: Typ. Do Commercio de Portugal, 1894.

—————. *Ortografia Nacional*. Lisboa: Livraria Viuva Tavares Cardoso, 1904.

—————. *Apostilas aos Dicionários Portuguesas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1906. 2 voll.

—————. *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1909.

—————. *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1912.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa. *Elucidário das Palavras, Termos e Frases [...]*. Edição crítica por Mário Fiúza. Porto: Livraria Civilização, 1993 (1.ª edição é de 1798).

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. Trad. de Antônio Houaiss 1. ed. Sem local: INL, 1961. 325 P.